

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

CARLOS AUGUSTO DE FREITAS DO ROSÁRIO

**A TRANSMISSÃO DA FÉ NA FAMÍLIA: UM DESENVOLVIMENTO
PEDAGÓGICO**

SÃO PAULO

2017

CARLOS AUGUSTO DE FREITAS DO ROSÁRIO

**A TRANSMISSÃO DA FÉ NA FAMÍLIA: UM DESENVOLVIMENTO
PEDAGÓGICO**

Apresentação de trabalho de Conclusão de Curso (TCC) à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com requisito para obtenção de título de BACHAREL em Teologia, sob a orientação do Prof. Ms. Marcio Leitão.

SÃO PAULO

2017

CARLOS AUGUSTO DE FREITAS DO ROSÁRIO

**A TRANSMISSÃO DA FÉ NA FAMÍLIA: UM DESENVOLVIMENTO
PEDAGÓGICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Pontifícia Universidade Católica – Faculdade de
Teologia, como requisito parcial a obtenção do
título de bacharel em Teologia.

Aprovado em: __/__/__

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Ms. Marcio Leitão

Nota: _____

São Paulo, 18 de Agosto de 2017

DEDICATÓRIA

A cada um com quem foi possível partilhar da vida e que, com grande alegria, experimentei da graça de servir ao Senhor Jesus Cristo. Gratidão maior às famílias que acompanhamos, nos permitindo conhecer com maior profundidade sua realidade diária, sobretudo quanto aos desafios de educar seus membros na fé e no amor, gerando ao mundo e à Igreja novas esperanças a partir da evangelização de seus filhos.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao bom Deus por tanto amor e misericórdia dispensado a esta pobre alma, assim como um grato reconhecimento da “presença” da Virgem Santíssima, que fortalece a cada dia o meu *Fiat*.

À minha comunidade, Fraternidade Missionária “O Caminho”, pelo testemunho que todos os dias meus irmãos e irmãs comunicam junto aos mais necessitados.

Aos fundadores, que inspirados por Deus, iniciaram esse caminho de santidade e refúgio para muitas almas, Padre Gilson e Irmã Serva. Com um enorme carinho os tenho em meu coração e sempre em minhas orações.

Aos meus familiares que sempre apoiaram a minha missão e doação ao Reino de Deus, sobretudo à minha mãe, Maria Sebastiana, a qual sou grato por cada Ave Maria dispensada em direção ao coração de Deus, com a intenção de que eu fosse fiel aos propósitos do Supremo Pastor.

Às famílias de cada criança com quem tive a graça e a honra de conviver, sorrir, cantar, brincar e viver o mistério do Eterno durante esses anos em que fui incumbido da evangelização infantil em nossa Fraternidade.

Aos filhos e filhas espirituais, que através de suas histórias me permitiram pensar em como contribuir com as futuras gerações. Como é bom poder ter a segurança de descansar e reavivar a esperança de um futuro melhor para os que virão, a partir de nossas “lutas” de todos os dias.

Aos meus professores que durante esses anos de caminhada, se tornaram meus mestres e formadores de consciência, de maneira especial ao meu orientador, Prof. Pe. Mons. Marcio Leitão.

Ao corpo de administração do *campus* Santana, em particular às secretárias e bibliotecárias que me auxiliaram com todo o respeito e carinho em minhas necessidades acadêmicas, contribuindo com minhas pesquisas e resoluções de dúvidas.

Por fim, aos “Filhos e Filhas Prediletos (as)” de minha comunidade, pois a partir da inquietação de poder cuidar de cada criança, favorecendo a conquista de uma fé madura, pensamos em suas crianças e em como poderíamos ajudá-los para que seus filhos também pudessem conhecer o maravilhoso Deus que transformou a vida de seus pais.

Gratidão a todos os pobres que me formaram na faculdade do amor e do servir, pois sem esses não haveria sentido dedicar-me à formação específica para o aprofundamento dos mistérios sagrados e, assim, melhor servi-los.

EPÍGRAFE

“A criança é o campo que Deus nos deu para cultivarmos o rebento novo, a planta frágil, que um dia será árvore carregada de frutos de virtude”. São Marcelino Champagnat.

SIGLAS

AL. Amoris Laetitia

CD. Christus Dominus

CIC. Catecismo da Igreja Católica

DV. Dei Verbum

EG. Evangelii Gaudium

FC. Familiaris Consortio

GE. Gravissimum Educationis

GS. Gaudium Et Spes

GTS. Gratissimam Sane

LG. Lumen Gentium

LS. Laudato Si

SC. Sacrosanctum Concilium

RESUMO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso com o título: “A transmissão da fé na Família à luz de Mt 19,13 -15”, trataremos da evangelização das crianças no ambiente familiar e comunitário, tendo como instrumentais a aprendizagem afetiva e simbólica e seus desenvolvimentos cognitivos para a melhor compreensão dos mistérios da fé. E a partir destes elementos propor uma evangelização de Kerigma em uma dinâmica que visa promover tanto autoaprendizagem das crianças, que é impulsionada pela curiosidade, como seu desenvolvimento humano.

Palavras Chaves: Transmissão da fé, Família, Aprendizagem simbólica e afetiva, Criança, Evangelização, kerigma.

ABSTRACT

In this undergraduate thesis, entitled "The Transmission of the faith in the Family through the light of Mt 19,13 -15", we will deal with the evangelization of children in the family and community environment, having affective and symbolic learning as instruments, and its cognitive developments for a better understanding of the mysteries of faith. From these elements propose an evangelization of Kerygma in a dynamic that aims to promote both self-learning of children, which is driven by curiosity, and their human development.

Key words: Transmission of faith, Family, Symbolic and affective learning, Child, Evangelization, Kerygma.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	12
1. A realidade do matrimônio	Erro! Indicador não definido.
2. A família nos dias atuais	124
2.1. Família formadora de pessoas	187
2.2. Família evangelizadora	19
2.3. Família construtora da sociedade	210
CAPITULO II.....	25
1. A afetividade como meio de aprendizagem dos mistérios da fé.....	Erro! Indicador não definido.
2. A simbólica na aprendizagem e a fé simbólica no cristianismo	Erro! Indicador não definido.
3. Vida sacramental no desenvolvimento da fé das crianças.	Erro! Indicador não definido.
CAPÍTULO III	44
1. A dinâmica do Reino na vida das crianças	Erro! Indicador não definido.
2. Caminhos possíveis de dinamizar a catequese	Erro! Indicador não definido.
3. O Kerigma, caminho catequético das famílias.....	Erro! Indicador não definido.
CONCLUSÃO.....	59
REFERÊNCIAS	61

INTRODUÇÃO

Este estudo visa propor uma pedagogia de evangelização que possa passar pelos sentidos de maneira mais perceptiva e proposital que a forma como hoje existe nas catequeses. Para isso, conhecer o valor do matrimônio e a importância dos pais e da família na transmissão da fé para seus membros, sobretudo para as crianças é fundamental, já que serão os promotores da fé quando compreenderem claramente o múnus do batismo. Sentir a ação da fé e de seus mistérios enquanto brinca torna muito mais interessante os caminhos da verdade e da compreensão dos mistérios sagrados de Deus.

A afetividade, portanto, possui papel fundamental na aprendizagem, ao conhecer que por todos os sentidos a pessoa é afetada pela realidade em sua volta, fazendo-se parte deste ambiente e sendo “construída” pelo mesmo.

A compreensão de como a criança aprende a partir da afetividade e da curiosidade em seu ser e no ambiente em que convive é essencial para uma aprendizagem segura e para que os evangelizadores, sejam, os catequistas da comunidade ou os familiares, principalmente os pais. Os catequistas precisam ter a certeza de que a criança está compreendendo o que está sendo transmitido. Além disso, utilizar o desenvolvimento simbólico na criança, que é riquíssima em diálogo com os sinais visuais da fé católica, que por sua vez, possui um leque imensurável de símbolos que ensinaram, ensinam e ensinarão futuras gerações com “apenas” um olhar.

Uma proposta do trabalho é de um retorno ao método do Kerigma do anúncio de Jesus Cristo, tendo como base a aprendizagem afetiva e simbólica, para que ele aconteça de maneira cada vez mais eficaz e que seja aproveitado pelas famílias em melhor qualidade. Dando um enfoque aos pais, primeiros evangelizadores, catequistas e mestres da fé de seus filhos.

Dito isto, elaborar um material que seja de fácil acesso a todos, mesmo que com temas e “ferramentas” que à primeira vista pareçam desafiadores para a catequese, sabendo que é um trabalho para anos de estudos e aplicações práticas, colaborar com a transmissão da fé nos dias atuais.

CAPÍTULO I

1. A realidade do matrimônio

O matrimônio é, evidentemente, uma realidade “terrena” e, enquanto tal está submetida às interpretações e às orientações que provêm dos saberes humanos: da psicologia, da sociologia, do direito, da filosofia etc. Contudo, “seu sentido vital mais profundo, seu sentido concreto, só pode ser captado ouvindo pela fé que Deus revelou a esse respeito e pesquisando as referências que o homem-Deus nos deixou com sua presença¹.

O caminho percorrido pela realidade do matrimônio é muito amplo e não é o intuito definir todos os elementos que competem a este assunto, no entanto faz-se necessário conhecer, mesmo que em parte, algumas particularidades deste assunto, para que assim compreendendo mais facilmente a sua realidade e seu desenvolvimento que aqui é proposto. Certos de que não se esgotara o assunto, mas elucidar o pensamento das famílias.

A exortação apostólica de João Paulo II convida a conhecer a situação das famílias em suas realidades mais íntimas, uma vez que o desígnio de Deus sobre o matrimônio e sobre a família visa o homem e a mulher no concreto da sua existência quotidiana, em determinadas situações sociais e culturais.

"A Igreja, para cumprir sua missão, deve esforçar-se por conhecer as situações em que o matrimônio e a família se encontram hoje" (FC 4). É justamente essa a missão da Igreja, templos vivos, a de compreender a realidade do matrimônio “no concreto da sua existência quotidiana” e para isso precisamos adentrar na história do matrimônio e daí retirarmos conclusões autênticas e não falácias sobre o mesmo.

Os pastores devem estar muito perto das ovelhas e dos pequenos rebanhos (cf. Lc 12, 32), que são as famílias, onde as ovelhas são alimentadas em sua vida de fé e em sua caminhada junto à sociedade em que vivemos.

¹VIDAL, M. **O matrimônio**: Entre o Ideal Cristão e a fragilidade Humana. 2ª. Ed, Aparecida: Santuário, 2007, p.11.

Outra questão muito necessária é a capacidade de tornar todos os membros da igreja cooperadores das famílias e assim “esperar que cada um (...) sinta-se chamado a cuidar com amor da vida das famílias, porque elas ‘não são um problema, mas, sobretudo, uma oportunidade’” (AL 7) para os mesmos estarem mais perto das necessidades que estes “pequenos rebanhos” apresentam.

A partir de um enfoque bíblico chegar a um modelo de matrimônio onde:

Os patriarcas seguiram os costumes de seu ambiente, adotando a poligamia ou uma monogamia relativa (Gn 16,1ss; 29,15-30; 30,1-9; 36,1-5). Contudo a monogamia foi o estado mais frequente na família judaica. Por outro lado, a monogamia é considerada como a forma ideal (Cf. Gn 2,21-24) e é aplicada a linhagem de Set (Gn 7,7), ao passo que a poligamia é atribuída à descendência de Caim (Gn 4,19)².

Ainda o AT, apresenta uma menção de um matrimônio que seria ideal para a realidade de vivência e de respeito à aliança que o matrimônio tem para com Deus:

O livro de Tobias descreve um matrimônio ideal, que reúne todos os elementos positivos: fecundidade, amor personalista, clima religioso. Trata-se de Tobit e de sua mulher Ana, do jovem Tobias e de sua esposa Sara. Toda a vida matrimonial está situada sob o olhar bondoso de Deus: “Bendito sejas por teres tido compaixão de dois filhos únicos. Tem piedade deles, Senhor, e dá-lhes tua salvação; faze que sua vida transcorra na alegria e na piedade” (Cf. Tb 8,19 – Vulgata). Como modelo de vida conjugal se toma o ideal expresso por Gênesis 2,18 (Tb 8,6 – versão grega). “não é o desejo impuro” (Tb 8,7 – versão grega) que buscam. Em tudo querem agir “com reta intenção”³.

Uma busca de revitalizar o matrimônio em seu sentido mais profundo e não o olhar, como muitos fazem nos dias atuais, como se fosse apenas um contrato, e sim buscar o seu valor de cooperação com a obra da criação, com a vida e com a sociedade.

² VIDAL, M. **O matrimônio**: Entre o Ideal Cristão e a fragilidade Humana. 2007. p. 12.

³Idem, p.19-20.

Aqui se vê como é frutuoso o sacramento, no tocante de sua realidade mais divina, tendo um profundo envolvimento com a vida de todos os membros da casa, mas também a futura geração que desta relação se manifestara como fidelidade de Deus para o jovem casal.

A família é imagem de Deus, que (...) é comunhão de pessoas. No Batismo, a voz do Pai designa Jesus como seu amado Filho, e é este que se nos permite reconhecer o Espírito Santo (cf. Mc 1,10-11). Jesus, que reconciliou tudo em si, redimindo o homem do pecado, não só restituiu o matrimônio e a família à sua forma original, mas também elevou o matrimônio como sinal sacramental de seu amor pela Igreja (cf. Mt 19,1-12; Mc 10,1-12; Ef 5, 21-32). Na família humana, reunida em Cristo, é restituída a ‘imagem e semelhança’ da Santíssima Trindade (cf. Gn 1,26), mistério do qual brota todo amor verdadeiro. De Cristo, através da Igreja, o matrimônio e a família recebem a graça do Espírito Santo, para testemunhar o Evangelho do amor de Deus (AL 71).

Ensina o Papa Francisco que “o sacramento do matrimônio não é convenção social” (AL 72). Por isso que entender que o matrimônio em forma de culto litúrgico que é apresentado no livro de Tobias, é o mais propício meio de se apresentar o matrimônio e a realidade que ele deve encarar e testemunhar na nossa sociedade, onde muitos estão desvalorizando tão belo e necessário sinal da fé católica.

Faz-se necessário apresentar a Carta às famílias de São João Paulo II que dá uma referência tão esplêndida ao evento Jesus Cristo e sua encarnação.

O mistério divino da Encarnação do Verbo está, pois, em estreita relação com a família humana. Não apenas com uma – a de Nazaré -, mas de certa forma com cada família, analogamente a quanto afirma o Concílio Vaticano II do Filho de Deus que, na encarnação, se uniu de certo modo com cada homem (...) a Igreja considera o serviço à família uma das suas obrigações essenciais. Neste sentido, tanto o homem como a família constituem a via da Igreja (GS 2).

Ao olhar para a família como via da Igreja e lugar onde o Verbo também se encontra, não pode isentar do ato de evangelização que lhe é próprio, e por esta razão é pertinente buscar um maior desenvolvimento da promoção da família e do matrimônio, “devolver” ao matrimônio e à família o “lugar” que muitos querem usurpar com ideologias, roubando-lhes a dignidade de célula mãe da nossa sociedade e o lugar da ação de Jesus Cristo.

Ora, na fé, é possível assumir os bens do matrimônio como compromissos que se podem cumprir melhor com a ajuda do sacramento (...). Portanto, o olhar da Igreja volta-se para os esposos como o coração da família inteira, que, por sua vez, levanta o seu olhar para Jesus. O sacramento não é uma “coisa”, nem uma “força”, mas o próprio Cristo, na realidade, “vem” ao encontro dos cônjuges cristãos pelo sacramento do matrimônio. Permanece com eles, concede-lhes a força de segui-lo levando sua cruz e de levantar-se depois da queda, perdoar-se mutuamente, carregar o fardo uns dos outros (AL 73).

É o Cristo agindo através dos esposos, concedendo-lhes o perdão mutuamente e a restauração constante do mistério que ambos aceitaram no dia da celebração do rito do matrimônio.

2. A família nos dias atuais

“O bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja” (AL 31). Contudo, “a mudança antropológico-cultural influencia todos os aspectos da vida e requer uma abordagem analítica e diversificada” (AL 32).

É de fundamental importância um estudo sobre a realidade das famílias cristãs - “que esperam ser *reconhecidas na sua identidade* e aceitas na sua *subjetividade social*. Esta subjetividade está ligada à identidade própria do matrimônio e da família” (GS 17).

Estão inseridas, já que, de muitas maneiras os valores das mesmas são sufocados por desafios que a sociedade moderna tem colocado para esta instituição tão importante para a vida da Igreja e do ser humano.

Não anulando a possibilidade de que a semente do Verbo – o Reino de Deus acontecendo - possa estar brotando em sistemas familiares que o contexto social atual tem proposto para a realidade que se está construindo agora e com as “constituições” de famílias que surgem a cada dia, não só no que se refere ao modelo tradicional: Pai, mãe e filhos, existem também famílias com mãe solteira, pai separado, crianças criadas por avós, tios, padrinhos, adotadas, etc. Todos estes constituem um modelo de família e, como tal, devem ser respeitados e aceitos, buscando assim promover que esta possa ter o seu espaço na sociedade

e seus direitos garantidos na constituição, mas principalmente na Igreja de Jesus Cristo, sinal de acolhimento e união fraterna (cf. Rm 12,10).

Nossa contemplação da complexidade do contexto familiar não pode, de modo algum, ser exclusivo, mas sim inclusivo, como é a proposta e compreensão do Evento Jesus Cristo: “Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um Deus, mas se despojou, tornando-se semelhante aos homens...” (cf. Fl 2,6-7).

Deus não olhou para as diferenças que havia na humanidade para que assim viesse anunciar a Boa Nova. Como bons apóstolos e seguidores de Cristo, devemos assumir a missão de evangelização para todos os modelos possíveis e a estes, anunciar o querigma cristão, pois essa é a missão de todo batizado, assim como vivenciar a santidade de vida.

A percepção do modo como a família se encontra em nossa sociedade é fundamental para que assim, juntos à ação evangelizadora da Igreja, realizar uma melhor aproximação e, de acordo com a necessidade de cada família, em seu contexto sociocultural interno, acompanhar e proporcionar o melhor e mais adequado momento para o anúncio da Vida, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. O que não será possível caso não seja compreendido os dramas que as mesmas sofrem, sem saber que tipo de linguagem e qual metodologia seria de maior relevância para a família absorver os dados da fé.

Tendo por caminho os “princípios e luzes que provem de Cristo e que dirigirão os cristãos e iluminarão todos os homens na busca da solução para tantos e tão complexos problemas” (GS 46), a Comissão Episcopal de Pastoral (CEP) mostra um pouco a realidade da família que assim exige: “criar condições para que a família possa realizar sua tríplice missão de *formadora de pessoas, de evangelizadora e de construtora da sociedade...* levar em consideração a evolução pela qual passa a instituição familiar e bem como os novos valores que surgem”⁴.

O bem-estar da pessoa e da sociedade humana e cristã está intimamente ligado com uma favorável situação da comunidade conjugal e familiar. Por esse motivo os cristãos, juntamente com todos os que têm em grande estima esta comunidade, alegram-se sinceramente com os vários fatores que fazem aumentar entre os homens a estima desta comunidade de amor e o

⁴CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Em Favor da Família**: Documento aprovado pela Comissão Representativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Brasília: Paulinas, 1975.

respeito pela vida e que auxiliam os cônjuges e pais na sua sublime missão. Esperam daí ainda melhores resultados e esforçam-se pôr os ampliar (GS 47).

Neste contexto familiar, é interessante apresentar de onde e como chegam os que são alvos da evangelização que a Igreja realiza. Assim como a situação em que está a sociedade, visto que, “os meios atuais permitem comunicar e partilhar conhecimentos e efeitos. Mas, às vezes, também impedem de tomar contato direto com a angústia, a trepidação, a alegria do outro e com a complexidade da sua experiência pessoal” (LS 47).

São à estas angústias e trepidações sociais que a evangelização, já tendo conhecido as alegrias e dores de cada sociedade familiar, pode-se ter uma ideia da experiência que as famílias fizeram da “presença” de Deus em sua realidade mais íntima. As tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração (GS 1).

A família tem um papel central na sociedade, sobretudo, por sua condição de *locus* da experiência primeira do amor de Deus para com seus membros e em especial as crianças. Justamente por ser a experiência mais natural do Reino é que deve ter uma atenção toda especial dos que pensam a fé, porém, não menos dos que a comunicam nas diversas pastorais.

É o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico. Contra a denominada cultura da morte, a família constitui a sede da cultura da vida (...). A família é o lugar da formação integral, onde se desenvolvem os distintos aspectos, intimamente relacionados entre si, do amadurecimento pessoal. Na família, aprende-se a pedir licença sem servilismo, a dizer “obrigado” como expressão duma sentida avaliação das coisas que recebemos, a dominar a agressividade ou a ganância, e a pedir desculpa quando fazemos algo de mal. Estes pequenos gestos de sincera cortesia ajudam a construir uma cultura da vida compartilhada e do respeito pelo que nos rodeia (LS 213).

Não cabe insensibilidade diante de tantos elementos que levam a confirmar a necessidade que a Igreja e a sociedade têm da família e por ela fazer uma renovada catequese de seus membros, sobretudo as crianças, ponto central deste Trabalho.

Toda a nossa colocação deve ser para trazer à família um claro desenvolvimento de suas potências, no que se refere à sua capacidade de instruir seus membros para assim melhor desenvolver sua ação evangelizadora na medida em que a própria instituição aqui em questão conheça seu papel diante dos membros que dela depende.

2.1. Família formadora de pessoas

A responsabilidade de cada família está em contribuir com o plano do Criador, o de continuar o plano da criação. Grande é a cooperação de cada casal ao se unirem e de “recriarem” o ser humano, continuando suas fontes genéticas e porque não espirituais?

A família é o âmbito não só da geração, mas também do acolhimento da vida que chega como um presente de Deus. Cada nova vida permite-nos descobrir a dimensão mais gratuita do amor, que nunca cessa de nos surpreender. É a beleza de ser amado primeiro: Os filhos são amados antes de chegar. Isto mostra-nos o primado do amor de Deus que sempre toma a iniciativa, porque os filhos são amados antes de ter feito algo para o merecer (AL 166).

A missão confiada por Deus à família, se dá no amor pelos filhos e de formar segundo a doutrina católica e a partir desta, da doutrina, inserir no mais profundo que há nos valores dos filhos os mesmos sentimentos de Cristo Jesus (cf. Fl 2,5), assumindo a condição humana em tudo o que ela tem e tornando-se um autêntico seguidor de Cristo.

“O dado mais fundamental de nossa fé: Deus se humanizou em Jesus de Nazaré! Esta novidade, trazida pelo cristianismo, provocou profunda repercussão na vida humana”⁵. Deus e seus ensinamentos sempre foram para as religiões monoteístas o modelo de educação, e para os cristãos o Deus encarnado em Jesus Cristo, é o ponto de partida para toda e qualquer formação humana. “[...] Entre os esposos que deste modo satisfazem a missão que Deus lhes confiou, devem ser especialmente lembrados aqueles que, de comum acordo e com prudência, aceitam com grandeza de ânimo educar uma prole numerosa” (GS 50). “E vós, pais, não deis

⁵COSTA, José de Anchieta Lima. **Conhecer Jesus**: A cristologia ao alcance de todos. São Paulo: Loyola, 2ª Ed. 2009, p. 184.

a vossos filhos motivos de revolta contra vós, mas educai-os com correções e advertências que se inspirem no Senhor” (cf. Ef 6,4). “Filhos, obededei a vossos pais em tudo, pois isto é agradável ao Senhor. Pais, não irriteis vossos filhos, para que eles não desanimem” (cf. Cl 3,21).

Deste modo a formação humana não fica alheia a formação cristã e assim percebe-se que:

O autêntico amor conjugal será mais apreciado, e formar-se-á a seu respeito uma sã opinião pública, se os esposos cristãos derem um testemunho eminente de fidelidade e harmonia e de solicitude na educação dos filhos e se participarem na necessária renovação cultural, psicológica e social em favor do casamento e da família (GS 49).

Sabe-se que a formação humana e a educação, adquire-se com muita influência do ambiente no qual a pessoa vive e com quem se relacionam cotidianamente, é justamente por isso que fala João Paulo II:

É [...] uma “oferta” de humanidade por parte de ambos os pais: estes comunicam juntos a sua humanidade madura ao recém-nascido, o qual, por sua vez lhes dá a novidade e o frescor da humanidade que trás consigo ao mundo [...]. A potencial riqueza, constituída por cada homem que nasce e cresce na família, deve ser responsabilmente assumida de modo que não degenere nem se dissipe, mas, ao contrário, se realize numa humanidade cada vez mais madura. Também este é o dinamismo de reciprocidade, no qual os pais-educadores são, por sua vez, em certa medida educadores. Mestres de humanidade dos próprios filhos, também a aprendem eles. Aqui emergem com destaque a estrutura orgânica da família e revela-se o sentido fundamental do quarto mandamento (GTS 16).

“Crer que os próprios pais são dignos de confiança. Isto constitui uma responsabilidade educativa: com o carinho e o testemunho, gerar confiança nos filhos, inspirar-lhes um respeito amoroso” (AL 263). Este caminho é árduo e de grande responsabilidade e por este motivo não é competência de um dos cônjuges e nem tão pouco simplesmente do casal, mas de toda a família e em tudo que isso representa para cada ser humano.

2.2. Família evangelizadora

Por essa razão dobro meus joelhos diante do Pai – de quem toma o nome toda família no céu e na terra -, para pedir-lhe que conceda, segundo a riqueza da sua glória, que vós sejais fortalecidos em poder pelo Espírito no homem interior, que Cristo habite pela fé em vossos corações e que sejais arraigados e fundados no amor (cf. Ef 3,14-17).

A evangelização é o iniciador do ser humano em sua experiência com o Transcendente. Encontro este, que proporciona uma inquietude no coração do homem, como nos ensina Santo Agostinho, “Fizeste-me entrar em mim mesmo”, um caminho de “encontro e desencontros” que durante a vida o homem experimenta. Mas essa aventura começa, ou pelo menos deveria começar, na família, que é imagem e semelhança da Santíssima Trindade (AL 71). A transmissão da fé pressupõe que os pais vivam a experiência real de confiar em Deus, de procura-lo, de precisar dele, porque só assim ‘uma geração conta a outra as tuas obras [de Deus] anunciam as tuas maravilhas’ (Sl 145/144,4) e “cada pai contará a seus filhos teus gestos de amor sempre fiel (Is 38,19) (AL 287).

Como veio ele? ‘E o Verbo se fez carne e habitou entre nós’ (Jo 1,14). Assim como, ao falarmos, o pensamento de nossa inteligência torna-se som, isto é, palavra sensível que penetra no espírito dos ouvintes pelos ouvidos corporais e, entretanto, esse som que trazemos no coração e é chamado linguagem, longe de se transformar neste mesmo som, permanece íntegro em si próprio, revestindo a forma da voz para tocar o ouvido dos outros sem nenhum traço de alteração, assim a Palavra de Deus, sem mudar de natureza, fez-se carne para habitar entre nós⁶.

Justamente para que a evangelização tenha uma centralidade na pessoa de Jesus, faz-se necessário o conhecimento do mesmo pelos membros da família para que essa transmissão aconteça tendo como instrumental central as Sagradas Escrituras. “Estando em viagem, entrou num povoado, e certa mulher, chamada Marta, recebeu-o em sua casa. Sua irmã, chamada Maria, ficou sentada aos pés do Senhor, escutando-lhe a palavra” (Lc 10,38-39). “Crê no Senhor e serás salvo, tu e tua casa. E anunciaram-lhe a palavra do Senhor, bem como a todos

⁶ SANTO AGOSTINHO: **A doutrina cristã**. São Paulo: Paulus, 2007. (Patrística 17), p 52.

os que estavam em sua casa” (At 16,31-32). “Hoje a salvação entrou nesta casa...” (Lc 19,9). A família cristã, ideal, deve dar todo o suporte da iniciação cristã a seus membros, o Kerigma, essencial para a fé faz-se necessário acontecer, de maneira muito particular nesta instituição. “O Kerigma é o anúncio do Mistério Pascal de Cristo, da sua vida, morte e ressurreição” ⁷. “Cada família descobre e encontra em si mesma o apelo inextinguível e a sua responsabilidade: ‘Família torna-te aquilo que és’” (FC 17).

“A evangelização procura também o crescimento, o que implica tomar muito a sério em cada pessoa o projeto que Deus tem para ela. Cada ser humano precisa sempre mais de Cristo, e a evangelização não deveria deixar que alguém se contente com pouco, mas possa dizer com plena verdade: ‘já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim’” (Gl 2, 20) (EG 160).

2.3. Família construtora da sociedade

A sociabilidade é a propensão do homem para viver junto com os outros e comunicar-se com eles, torná-los participantes das próprias experiências e dos próprios desejos, conviver com eles as mesmas emoções e os mesmos bens (...). O homem é essencialmente sociável; sozinho não pode vir a este mundo, não pode crescer, não pode educar-se; sozinho não pode nem ao menos satisfazer suas necessidades reais elementares nem realizar as suas aspirações mais elevadas; ele pode obter tudo isso apenas em companhia dos outros. Por isso, desde o seu primeiro aparecimento, sobre a terra, encontramos o homem sempre posto em grupos sociais, inicialmente muito pequenos (a família, o clã, a tribo) e depois, sempre maiores (aldeia, a cidade, o estado) ⁸.

E o avanço das conquistas sociais do ser humano são cada vez mais significativos, sobretudo, com os meios de comunicação, a cada dia mais modernos. No entanto, é necessário ater-se à sociedade mais próxima do homem, aos seus afetos primeiros e como essa experiência social pode ajudar na construção da magna sociedade em que vivemos.

⁷COSTA, José de Anchieta Lima. **Conhecer Jesus**: Cristologia ao alcance de todos. 2009. p. 49.

⁸ MONDIN, B. **O homem, quem é ele?** Elementos de antropologia filosófica. São Paulo: Paulus, 2012, p. 159.

A família é a principal e fundamental escola de sociabilidade: enquanto comunidade de amor, ela encontra no dom de si a lei que a guia e a faz crescer. O dom de si, que inspira o amor mútuo dos cônjuges, deve pôr-se como modelo e norma daquele que deve ser atuado nas relações entre irmãos e irmãs e entre as diversas gerações que convivem na família. E a comunhão e a participação quotidianamente vividas na casa, nos momentos de alegria e de dificuldade, representam a mais concreta e eficaz pedagogia para a inserção ativa, responsável e fecunda dos filhos no mais amplo horizonte da sociedade (FC 37).

Perceber-se com essa contribuição de São João Paulo II, que a família desenvolve um papel central na formação da nossa sociedade, atual e futura, contribuindo com a consciência de uma humanização do indivíduo para uma convivência com o diferente, permitindo, portanto, que o outro possa ter os seus direitos de sobrevivência garantidos pela sociedade, que é lugar onde o *homossocialis* se encontra e se realiza para uma satisfação da vida e isso deve ser feito respeitando e amando a si mesmo, como também ao próximo (cf. Mt 22,39).

O fato de estar em relação caritativa, vivenciando um encontro profundo com os demais indivíduos, os valores em relação aos outros da sociedade devem ser recebidos, ainda na infância de cada ser humano e de maneira particular comunicado pela família, principalmente os pais. Faz da família, sobretudo cristã, um modelo de vivência e convivência com os demais meios sociais.

Não há vínculo social, sem esta primeira dimensão cotidiana, quase microscópica: conviver na proximidade, cruzando-nos nos vários momentos do dia, preocupando-nos com o que interessa a todos, socorrendo-nos mutuamente nas pequenas coisas do dia a dia. A família tem de inventar, todos os dias, novas formas de promover o reconhecimento mútuo (AL 276).

Só a família, em seu contexto, pode agregar valores expressamente cristãos em seus membros e em um período em que a criança melhor absorvem e transmitem o que aprendem com alegria e gratuidade.

A família representa para a vida social e pessoal uma experiência única de sociabilidade humana, não comparável com nenhuma outra forma de vida institucional. Não tem uma realidade distinta das pessoas que a formam. Pode-se dizer, em certo sentido, que não se pode falar de “a” família em geral, mas de cada família em particular. Porém, se falamos sobre a pessoa e sobre a família em geral é para descrever essa experiência humana, simultaneamente

universal e pessoal, pela qual compreendemos a comum condição racional do ser humano e sua igualmente comum vocação a ser pessoa⁹.

As famílias são as peças de uma grande máquina mundial, como se configura hoje, chamada sociedade, que se reconfigura a cada instante e momento com novos desafios, e esses novos elementos são sentidos diretamente pelas famílias e seus membros, pois “o homem, pelo menos aparentemente, recebe a vida da sociedade, assim como à vitaliza; desenvolve os seus conhecimentos e suas habilidades com a ajuda da sociedade, adquire determinada cultura, certas crenças religiosas, certos princípios morais e certos critérios estéticos segundo a sociedade à qual pertence”¹⁰. Construir essa sociedade implica em estar em constante relação com ela e permitir ser questionado por ela, mas também é questionar os valores que ela propõe a cada novo movimento de sociabilidade, não colocando em questão os valores já apresentados, sobretudo éticos, morais e por fim, os valores cristãos.

A família é o âmbito da sociabilidade primeira, porque é o primeiro lugar onde se aprende a relacionar-se com o outro, a escutar, partilhar, suportar, respeitar, ajudar, conviver. A tarefa educativa deve levar a sentir o mundo e a sociedade como ‘ambiente familiar’: é uma educação para saber ‘habitar’ mais além dos limites da própria casa (...) é lá que se rompe o primeiro círculo do egoísmo mortífero (AL 276).

Assim afirma o Catecismo da Igreja Católica:

A família é a célula originária da vida social. É a sociedade natural na qual o homem e a mulher são chamados ao dom de si no amor e no dom da vida. A autoridade, a estabilidade e a vida de relações dentro dela constituem os fundamentos da liberdade, da segurança e da fraternidade no conjunto social. A família é a comunidade na qual, desde a infância, se pode assimilar os valores morais, tais como honrar a Deus e usar corretamente a liberdade. A vida em família é iniciação para a vida em sociedade¹¹.

⁹ CONSELHO EPISCOAL LATINO AMERICANO. **A família na América Latina: Desafios e Esperanças**. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2005, (Coleção Quinta Conferência: realidade social), p. 33.

¹⁰ MONDIN, B. **O homem, quem é ele?** Elementos de antropologia filosófica. 2012, p. 172.

¹¹ **CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**. São Paulo: Loyola. 1999, can. 2207.

Os valores recebidos dos pais e para com os pais, como o de honrar pai e mãe, são transmitidos ao contato da criança em sua experiência do amor de Deus que é Pai e essa proximidade com Deus gera na criança uma confiança na comunidade trinitária que é um modelo de sociedade.

A família é, portanto, a primeira escola das virtudes sociais de que todas as sociedades têm necessidades. Mas, sobretudo, na família cristã, em virtude da graça do sacramento do matrimônio [...]; é nela que eles encontram a primeira experiência quer da sã sociedade humana quer da Igreja; é pela família, em fim, que eles são pouco a pouco introduzidos na convivência civil e no povo de Deus (GE 3).

A família possui esse papel sagrado de apresentar Deus às crianças e a partir daí criar valores que elas utilizarão na sociedade em que conviverão, tendo uma prévia desta convivência social na realidade do próprio lar e seu desenvolvimento para assim poder iniciar sua caminhada social em meio aos demais da sociedade humana.

CAPÍTULO II

1. A afetividade como meio de aprendizagem dos mistérios da fé

Num primeiro momento, o estudo trata do caminho quando se usa o termo afetividade, ainda mais, em consideração de tudo o que a sociedade atual tem proposto. No desenvolvimento, trazer às claras o termo e a linha de pensamento, fazendo com que a pesquisa tenha um foco único. Porém, sem menosprezar as diversas áreas de pensamento que hoje existe e que contribuem para a compreensão do ser humano como um todo.

Utilizar a afetividade como instrumento de aplicação do Kerigma e da aprendizagem dos mistérios da fé cristã. Uma aproximação que possa criar um vínculo de confiança e reciprocidade entre criança e catequistas (pais, educadores), criança e criança no processo de ensino-aprendizagem¹² e assim anunciar o Kerigma.

O motivo desse método para a transmissão da fé é o de além de adentrar no conhecimento do ser humano “e sua integração afetiva-cognitiva-motora, foi o que possibilitou uma reconceituação do papel da afetividade no processo da vida psíquica e de como se expressa e como interfere no processo ensino-aprendizagem”¹³ e, não somente em âmbito espiritual, levando em conta o grande avanço da compreensão da mente humana e como ela se desenvolve em seus diversos movimentos do aprendizado, quando é estimulada da maneira correta.

Os evangelizadores, como catequistas, pais, mães, ministros ordenados, precisam conhecer como elaborar e desenvolver momentos de catequese e querigma, de maneira que viabilizem o prazer em aprender e aprendendo e desenvolvendo com satisfação e doação, o conteúdo apresentado e porque não dizer, aprender enquanto se brinca¹⁴.

Há uma distância, em muitos casos, entre o mediador da experiência (catequista) e aquele que vai fazer o movimento experimental da fé (catequizando), e é a experiência da fé,

¹² ALMEIDA, L. Ramalho; MAHONEY, A. Alvarenga (orgs). **Afetividade e aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Loyola, 2007. p. 15.

¹³ Idem. 2007. p. 16.

¹⁴ L'ECUYER, C. **Educar na Curiosidade**: a Criança como protagonista da sua educação. São Paulo: Fons Sapientiae, 2016. p. 72.

que a comunidade possibilita ao ser humano¹⁵, acompanha-o por sua vida inteira, dando-lhe um notório conteúdo espiritual e à medida que cresce na compreensão deste mistério, teológico enquanto experiência, vai realizando a sua própria história na presença de Deus. Contudo, “a primeira infância é fundamental para que a criança sinta o mundo como um lugar seguro, amoroso, confiável”¹⁶, responsabilidade que é necessário promover nos dias atuais. O próprio Jesus, paradigma dos cristãos, já fez esse processo de conquista e de aproximação. Olhava com afeto, com carinho (Mc 10,21; Lc 15,20), dar-se como alimento (cf. Jo 6,33-36), sente com o quem está a seu redor, nas realidades de uma vida que os faz cair nas “mãos” de muitos malefícios em sua história, em toda sua dor e fraqueza (Lc 10,33).

O dicionário Aurélio define afetividade como: 1. Qualidade ou caráter de afeto. 2. *Psicol.* Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza¹⁷. Justamente por ser o movimento primeiro da afetividade o de manifestar uma ação de estímulo resposta do indivíduo para com o meio que o cerca e do meio sobre a pessoa.

O documento da CNBB “Aos Jovens com afeto” assim define a afetividade:

A palavra afetividade forma-se por duas palavras unidas: afeto e atividade. Portanto delas, percebe-se que afeto vem de afetar, atingir. Os afetos por nós percebidos influenciam a maneira como enxergamos a vida; é a vida afetiva que dá cor, brilho e calor a todas as vivências humanas. A maioria das nossas atividades e ações é originada pelos nossos afetos, dentre os quais estão as emoções, os sentimentos e o próprio ânimo. A afetividade é, então, o afeto em ação, em movimento, em atividade¹⁸.

Esse movimento da afetividade permite ao ser humano conhecer, o que está ao seu redor e o mundo como experiência afetiva e relação com o todo a partir da força que afeta e

¹⁵ “A vida da comunidade e a sua experiência de fé constituem o lugar onde a própria comunidade se torna o sujeito da teologia como um todo e da cristologia em particular” (COSTA, J. 2011. p.27).

¹⁶ GUTTMANN, Mônica. **O Imaginário da criança dentro de nós**: através da literatura e da arteterapia. São Paulo: Paulus, 2011. (Psicologia e Educação). p 25.

¹⁷ FERREIRA, A. B. H. Aurélio Século XXI: **O Dicionário da Língua Portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 44.

¹⁸ COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA O LAICATO – Setor Juventude / **Aos Jovens com afeto** – Subsídios Afetividade e Sexualidade – Volume I. Brasília, Edições CNBB. 2014.n. 8.

movimentando as emoções e permite aprender com essa possibilidade de contato com o entorno.

A afetividade, a partir do que se apresenta, torna-se um aliado já existente na pessoa e assim apenas se utilizar para a aprendizagem dos mistérios da fé e proporcionar uma experiência para o ser humano.

Burton L. White fala da necessidade de uma experiência educativa de grande qualidade durante os três primeiros anos de vida para que o indivíduo possa desenvolver toda a sua potencialidade. Este autor, que considera os pais como os primeiros mestres da criança e a família como a portadora do primeiro e mais fundamental sistema educativo humano, lamenta o grau de ignorância de pais e educadores ao não saber aproveitar convenientemente os primeiros anos da criança por não dispor de formação, material e ajuda adequada¹⁹.

Caminhos de aprendizagem sempre são possíveis se bem aplicados e para um desenvolvimento da pessoa como em tudo e de sua capacidade de emancipação dos sistemas de destruição que hoje a sociedade apresenta²⁰. A afetividade vem sendo usada para uma metodologia de aprisionamento do ser humano, e utilizando o que de mais íntimo tem no indivíduo para o “tocar” mais profundamente e assim tornando-o escravo de si mesmo e de seus desejos, apetites²¹, e muitas vezes a atos autodestrutíveis. A tarefa essencial de todo cristão é apresentar o libertador a todos, “*se, pois, o Filho vos libertar, seres, realmente, livres*” (cf. Jo 8,36).

“Afetividade refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo ou interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”²². Todo o ser da pessoa proporciona a captação dos estímulos, do mundo e da própria intuição do ser humano, que só são possíveis por meio da afetividade.

¹⁹ TIERNO, B. **A Psicologia da Criança e seu desenvolvimento**: de 0 a 8 anos. São Paulo: Paulus, 2007, p. 12.

²⁰ FIGLIE, N.B. **Aconselhamento em dependência química**. 3ª ed. São Paulo: Roca, 2015. p.266.

²¹ JOÃO DA CRUZ. **Obras completas**. São Paulo: Vozes, 2002. p. 173.

²² ALMEIDA, L. Ramalho; MAHONEY, A. Alvarenga (orgs). **Afetividade e aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. 2007, p.17.

Ancorados na semente divina que não apenas transportam, mas que eles mesmos são, mulheres e homens descobrem-se chamados a apropriar-se criativamente, e com todos os seus sentidos, do desabalado prodígio da vida. A vida é o imenso laboratório para a atenção, a sensibilidade e o espanto que nos permite reconhecer em cada instante, por mais precário e escasso que este seja, a reverberação de uma fantástica presença: os passos do próprio Deus. Precisamos olhar de novo o corpo que somos e a nossa existência como profecia de um amor incondicional: “Deus amou de tal maneira o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigênito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16) – escreve o evangelista João. O corpo que somos é uma gramática de Deus. É através dele que a aprendemos, e não mentalmente apenas²³.

A afetividade é uma grande companheira na aquisição de conhecimento, já que tudo o que está ao redor e até mesmo intimamente na pessoa pode proporcionar uma experiência existencial, uma ação sobre a totalidade de sua existência. O afeto que se coloca em atividade (afetividade ou atividade do afeto) aciona o sistema nervoso que “é responsável pela abstração, pelo raciocínio, pelos pensamentos e por toda sorte de controle sensitivo e motor no corpo humano.

Sua principal célula é o neurônio, uma estrutura especializada na recepção e transmissão de impulsos nervosos que, em síntese, é a matéria prima do funcionamento cerebral. Sem impulso nervoso, não há pensamento, não há aprendizagem”²⁴.

“Os fatores determinantes da saúde do cérebro e de sua capacidade de manter a neuroplasticidade²⁵, que são forças que o impelem a ações, atos, como manter ativo o hábito da leitura, a necessidade de desafios de se auto superar, vencer problemas, estar com afino”²⁶.

Munidos de tais informações, sobre a capacidade do ser humano, só resta elaborar conteúdos teológicos e espirituais para estimular experiências às crianças, a partir de uma catequese ou Kerigma que possa utilizar da capacidade afetiva que cada ser possui em si mesmo para fazer uma inesquecível experiência do amor de Deus.

²³ MENDOÇA, José Tolentino. **A Mística do instante**: o tempo e a promessa. São Paulo; Paulinas, 2016, p. 12.

²⁴ MEIER, Marcos; GARCIA, Sandra. **Mediação da aprendizagem**: contribuições de Feuerstein e de Vygotsky. Curitiba: Editora do autor, 2008, p. 69.

²⁵ É a capacidade de mudança do cérebro quando estimulado por desafios ou, ainda, o potencial de áreas remanescentes do sistema nervoso de assumir o controle quando uma região específica for danificada.

²⁶ ANTUNES, Celso. **Estímulo da Inteligência Infantil**: Na Escola e no Lar. São Paulo, Paulus, 2013. – (Coleção Didática). p. 12.

O desenvolvimento afetivo e ético de uma pessoa requer uma experiência fundamental: Crer que os próprios pais são dignos de confiança. Isto constitui uma responsabilidade educativa: com o carinho e o testemunho, gerar confiança nos filhos, inspirar-lhes um respeito amoroso. Quando um filho deixa de sentir que é precioso para os pais, embora imperfeito, ou deixa de notar que nutrem uma sincera preocupação por ele, isto cria feridas profundas que causam muitas dificuldades no seu amadurecimento. Esta ausência, este abandono afetivo provoca um sofrimento mais profundo do que a eventual correção recebida por uma má ação (AL 276).

Se quer com esse estudo elucidar aos pais e catequistas como é importante o início da vida de toda e qualquer pessoa e poder apresentar juntamente com os primeiros anos de aprendizagem comum e corriqueiras da infância os dados da fé e seu desenvolvimento, conjuntamente com o crescimento da pessoa em sua inteireza biopsicossocial e espiritual.

As crianças de hoje [...] são hiperativas, dispersas, têm dificuldade para estabelecer vínculos, demonstrar afeto e aceitar a autoridade, quer de pais, professores ou cuidadores. Falta-lhes despertar a curiosidade (*El assombro*), a imaginação e a motivação intrínseca, que as mobilizem para a descoberta do novo em busca de respostas às próprias indagações, até porque quase tudo lhes é dado pronto para evitar questionamento e poupá-las de dissabores [...]. Catherine L'Écuyer reportando-se a Tomás de Aquino, a autora registra que há duas formas de desenvolver o conhecimento: 1, “por invenção ou descoberta”; 2. “por disciplina e aprendizagem”. Antes de tentar “disciplinar” as crianças, é necessário criar circunstanciais minimamente estruturadas, que possam aguçar sua imaginação e oportunizar-lhes a inventividade, a criatividade e a descoberta, para depois ajudá-la a compreender e, quiçá, formalizar o conhecimento que está em jogo²⁷.

Aqui percebe-se uma catequese, seja na família ou na comunidade, que pode modificar a perspectiva das crianças para dela participarem com maior entusiasmo e prontidão, e nesta metodologia, permitir que a criança seja a “protagonista” da atividade catequética, sentindo com a própria existência os mistérios da fé e como extensão de seu ser, que é afetado em sua inteireza pela experiência, o ato da comunicação em seus sentidos.

A organização de momentos que “toquem” profundamente a emoção e consequentemente o sistema nervoso da pessoa, o “novo”: “amados, não vos escrevo um mandamento novo, mas um mandamento antigo, que recebeste desde o início; este

²⁷ L'ECUYER, C. **Educar na Curiosidade**: a Criança como protagonista da sua educação. 2016, p.11.

mandamento antigo é a palavra que ouvistes. E, no entanto, é um mandamento novo que vos escrevo” (cf. 1Jo 2,7-8a. Que envolva as crianças com dinamismo, nos movimentos que só a fé em Jesus Cristo possui; a capacidade de reinventar a história da pessoa e consigo levar-nos juntos, saciando o desejo que habita no coração humano. O de estar na presença de Deus e experimentar seu amor infinito. Demonstrado por Jesus na Cruz e testemunhado pelo “bom ladrão”. “Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com teu reino. Ele respondeu: Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso” (cf. Lc 23,42-43). Só se pode realizar tão belo movimento de “ressurreição” da dinâmica da catequese, se imbuído, guiados e ajudados pelo Espírito Santo e com alegria (cf. Lc 1,26-39), pressurosos cada pessoa se coloca a caminho dos que necessitam de auxílio, e anúncio (cf. Lc 1,41-45).

Seguir os passos de Maria a mãe de Jesus, levando o seu mais belo e precioso anúncio, testemunhando as grandes maravilhas realizadas pelo Senhor. Um caminho de amor e doação. “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros” (cf. Jo 1,34-45).

A utilização de multimídias, músicas, teatros, danças, símbolos, histórias e fatos reais da vida cotidiana, assim como brincadeiras de desafios que “podem ser de qualquer natureza, mas para as crianças os mais indicados são os jogos [...] contribuem nesse processo. É evidente que, ao desafiar o cérebro infantil, as atividades propostas o estimulam, mas para uma direção que se volta explicitamente para o desenvolvimento de valores e de condutas”²⁸, e não menos, os valores cristãos, tornando as catequeses mais lúdicas e envolventes.

Colocando a criança como protagonista de seu aprendizado, o que faz do catequista, apenas intermediários destes conhecimentos, não pode faltar, em hipótese alguma, a leitura da Palavra de Deus para as crianças e permitir que essas possam manusear e ler uns para os outros a Sagrada Escritura. Dar a oportunidade para que a criança possa produzir o seu conhecimento e exercer as “suas próprias descobertas” sobre Deus, garantindo que ela tenha com quem partilhar essas descobertas.

²⁸ ANTUNES, Celso. **Estímulo da Inteligência Infantil**: Na Escola e no Lar. São Paulo, Paulus, 2013. – (Coleção Didática). p. 34.

A emancipação do desenvolvimento e do conhecimento da criança ganhou reconhecimento a partir dos estudos de Montessori²⁹:

Na primeira metade do século passado, Montessori causou uma revolução no mundo pedagógico quando falou dos períodos sensíveis da criança nos primeiros anos de vida, especificando que a educação consistia em um desenvolvimento cujo protagonista era a criança. Ela afirmava que o processo iniciava dentro da criança, enquanto o ambiente e o professor são meros facilitadores. A causa transformadora e a guia da transformação é uma só: “a criança”. Nosso objetivo é levar ao centro sua personalidade, deixá-la “agir”, permitir e facilitar sua expansão livre e harmoniosa conforme a lei de sua própria vida³⁰.

Torna-se para nós uma base sólida, de que o conhecimento abstraído pelas crianças é simplesmente proposto pelos educadores e catequistas, contudo é a criança que é a “autora” do seu próprio conhecimento e da aprendizagem enquanto centro de contato afetivo e receptora dos conteúdos expostos. Mesmo tendo muitas críticas contra esse método. Contudo, anos mais tarde, foi-se comprovado a interação interpessoal colaborativa seria o segredo de um desenvolvimento saudável.

Constatamos que o processo inicia-se dentro da criança e realiza-se através da sua experiência com o que a cerca, principalmente por meio das relações humanas. Segundo Siegel, existe um mecanismo na criança que permite o seu desenvolvimento cerebral. Afirma também que, por trás do processo de desenvolvimento do que forma o cérebro, age um princípio não material, tão real como o pulmão ou como o coração, diz ele, mas que não é possível ver com os aparelhos tecnológicos modernos por tratar-se de uma realidade intangível, que alguns chamarão de espírito, outros de energia, outros de intelecto, outros de alma³¹.

O que cabe aos evangelizadores, é promover esse momento em que as crianças possam desenvolver o seu aprendizado, e neste caso, possibilita o encontro com a pessoa de Jesus Cristo e apresentar os conteúdos da fé. Assim, o protagonismo, que é próprio do desenvolvimento da criança, se encarregará de conduzir a interiorização das experiências

²⁹ Nascida em 1870, em Chiaravalle, Itália, Maria Montessori, é mundialmente conhecida por ter criado o método Montessori (chamada por ela de pedagogia) e ter revolucionado a forma como a criança é compreendida e respeitada. Disponível em: <https://larmontessori.com/o-metodo/>. Acesso em: 18/08/2017.

³⁰ L'ECUYER, C. **Educar na Curiosidade**: a Criança como protagonista da sua educação. 2016. p. 34.

³¹ Idem, 2016, p. 43-44.

apresentadas. Entretanto, faz-se necessário garantir a total segurança das crianças nestes momentos de conhecimento para que não haja desvios pelas possíveis falhas às quais o ser humano está inclinado.

O contexto sociocultural, onde a comunidade de fé está presente e atuante, provoca questionamentos e faz perguntas a essa mesma comunidade que é desafiada e chamada a ‘dar a explicação de sua esperança (ou sua fé) a quem o pedir’. Assim sendo, já podemos perceber que existe uma relação estreita entre teologia, cristologia, comunidade de fé e realidade circundante na qual a comunidade de fé está inserida. Desta maneira, temos elaborado o assim chamado ‘círculo hermenêutico’ ou relação de interdependência entre comunidade, realidade, teologia e cristologia³².

Há uma necessidade de se “recuperar” as crianças e fazer isso com os meios cristãos de conhecimento de si mesmo e do Outro (Deus). Não menos necessário é o conhecimento e respeito do outro (ser humano), por este motivo é muito necessário que a criança tenha um contato direto e imediato com a Palavra de Deus, que a possa ter nas mãos, a possua e manuseie, assim como o conhecimento dos objetos sagrados e símbolos da fé. Pois:

O desenvolvimento dos sentidos no feto começa provavelmente com o tato. Depois, com o nascimento, é também através do conhecimento físico que experimentamos a realidade: o frio e o calor, o familiar e o estranho, o desconforto e o consolo. Todo o objeto vem avaliado pelo nascimento através do tato, que para isso o leva inevitavelmente a boca e às mãos. Muito legitimamente, o tato vem descrito com o nosso ‘grande olho primeiro’. A pele recobre o nosso corpo, da cabeça aos pés. Ela divide e ao mesmo tempo une o mundo externo e o interno. A pele lê a textura, a densidade, o peso e a temperatura da matéria. O sentido do tato conecta-nos com o tempo e a memória: através das impressões do tato fazemos intermináveis viagens sem as quais não seríamos quem somos. O tato permite que não esbarremos uns nos outros, mas que exista encontros. Por isso a pergunta que um dia Jesus fez no meio de uma multidão compacta continua a ser significativa: “Quem me tocou?” (Mc 5,31). Os discípulos bem tentavam, em vão, dissuadi-lo, lembrando que uma massa de gente o apertava e tocava de todos os lados. Mas o que Jesus afirma é que há um tocar e um *tocar*³³.

Neste estudo se dar notoriedade à capacidade que a criança tem de receber uma evangelização mais homogênea, consistente e dinâmica, repleta de significados e experiências

³² COSTA, José de Anchieta Lima. **Conhecer Jesus**: A Cristologia ao alcance de todos. 2009, p. 29.

³³ MENDONÇA, José Tolentino. **A Mística do Instante**: o tempo e a promessa. 2016, p. 19-20.

existenciais que possam se tornar pontos nodais da fé desta pessoa que está recebendo o depósito principal do sentido de sua vida. A fé em Jesus Cristo, morto e ressuscitado pelo Pai (cf. Rm 8,11).

Orígenes nos apresenta o conhecimento das realidades divinas, que podem ser introduzidas pelos sentidos de cada ser humano:

Este conhecimento tem várias espécies: *a vista*, que pode fixar as realidades superiores aos corpos, e delas fazem parte os Querubins e os Serafins; *o ouvido*, que percebe os sons cuja realidade não está no ar; *o paladar*, para saborear o pão vivo que desceu do céu e dá a vida pelo mundo; da mesma forma, *o olfato*, que percebe aqueles perfumes de que fala Paulo, que diz ser ele mesmo ‘para Deus o bom odor de Cristo’; *o tato*, por cujo intermédio João afirma ter apalpado com suas mãos ‘o Verbo da vida’ (1Jo 1, 1). Tendo encontrado o sentido divino, os bem-aventurados profetas enxergavam divinamente, ouviam divinamente, saboreavam e sentiam o odor da mesma forma, por assim dizer com um sentido que não é sensível; e apalpavam o Verbo pela fé, de tal forma que uma emanção lhes chegava vindo dele para curá-los³⁴.

Baseados no conhecimento, de Orígenes, se quer buscar cada vez mais esse desenvolvimento dos sentidos e da afetividade. Cientes de que o que aqui está sendo exposto é apenas uma parte do que se pode realizar e desenvolver de bom para o futuro da catequese.

2. A simbólica na aprendizagem e a fé simbólica no cristianismo

Quem nunca deu umas boas gargalhadas assistindo aos filmes críticos de Chaplin, “O ditador”, “Tempos modernos” ou o seu grande personagem Carlito? O mais curioso, é que em quase a totalidade da produção o protagonista “não fala nada”.

No entanto, mesmo assim, o ensinamento, a crítica, o tom de ironia que o roteiro nos remete a pensar sobre aquela realidade - por que não dizer da realidade atual? Visto que as problemáticas apresentadas, só aumentaram e sobretudo pela grande maestria e criatividade com que é conduzido todo simbolismo das “palavras não pronunciadas”. Seria ingrato com a infância de tantos se o presente texto, que fala de símbolos na aprendizagem e não mencionasse este clássico de tempos idos da história.

³⁴ORÍGENES. **Contra Celso**. São Paulo: Paulus, 2004. (Patrística 20). p. 89 – 90.

O símbolo tem um mistério que o acompanha, mas não se esgota o mistério que ele representa e nem o poderia, já que é apenas uma indicação de que algo está sendo revelado, porém não em sua totalidade.

As crianças assumem naturalmente a existência do mistério. Têm uma tendência natural ao mistério porque é o que mantêm vivo o desejo de aprender, de conhecer. O que é o mistério? O mistério não é aquilo que não se entende. É o que nunca acabamos de conhecer. É o inesgotável. Por isso, as crianças ficam fascinadas diante do mistério, porque vêem nele uma oportunidade de conhecer infinita. E, como as crianças nascem com curiosidade e a curiosidade é o desejo de conhecer, o mistério as fascina³⁵.

A simbólica na aprendizagem, pode-se afirmar, possui um valor inestimável, visto que impulsiona para a busca do desvelamento de um movimento ainda não conhecido, mas que pode ser alcançado a qualquer momento.

Muitas vezes chama-se este movimento no ser humano de esperança, sobretudo para o caminho de evangelização, com a transmissão da fé pelo Kerigma e a catequese que continua esse primeiro anúncio, não permitindo assim, perder o sentido da experiência da criança com o Transcendente.

Os símbolos são “arquetípicos que revelam aspectos muito profundos da história e da vida. Todos os adultos trazem dentro de si uma criança que viveu e ainda vive suas emoções, frustrações e seus desejos. Crianças que existiram e ainda existem, em busca de respostas, afeto, compreensão”³⁶.

Como imagem, o símbolo nasce e se desenvolve através do contato do homem com o ambiente; e, como este ambiente é ao mesmo tempo natural e cultural, o símbolo pode referir-se ao mundo mais primitivo da natureza ou então ao mundo social, da família e da técnica. Os símbolos naturais são percebidos desde a infância e contem forte carga afetiva, ao passo que os outros são mais elaborados e aparecem em contextos às vezes sofisticados; não faltam também descrições bélicas aplicadas simbolicamente à luta espiritual³⁷.

³⁵ L'ECUYER, C. **Educar na Curiosidade**: a Criança como protagonista da sua educação. 2016. p. 136.

³⁶ GUTTAMANN, Mônica. **O Imaginário da Criança dentro de nós**: Através da Literatura e da Arteterapia. São Paulo: Paulus, 2014.p. 61-62.

³⁷ LACK, R. **Dicionário de Espiritualidade: Símbolos Espirituais**. São Paulo: Paulus, 1993, p.1068.

Cabe reconhecer que o símbolo caminha com o ser humano em toda a sua peregrinação sobre a terra e destes retira uma grande parte de seus estímulos para que assim possa continuar tendo ânimo para a sua jornada, mas não como um simples errante, e sim como protagonista da própria história, realizando a vontade do Senhor para o ser humano: “ façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra” (cf. Gn 1,26).

O ser humano possui em sua essência uma marca da imagem e semelhança de Deus, que são indelévels, são também símbolos do amor incondicional de Deus, que mesmo se o ser humano não quiser a presença de Deus, Deus há de permanecer no mais íntimo do ser humano, “gritando”, em silêncio, que o ser humano tem a necessidade de se “encontrar” consigo mesmo e assim realizar um encontro íntimo com o símbolo mais belo de sua existência: a Imagem e a glória de Deus (cf. 1Cor 11,7).

Todas as criaturas trazem marcas de Deus e assim se constituem em vestígios do Criador. Deus, em sua bondade e sabedoria, criou o ser humano para tornar-se seu amigo e participar de sua felicidade e o capacitou para receber os sinais de seu amor. Toda a criação e o mistério que a ele mesmo o são um reclamo que lhe interroga e o leva a ir atrás das pegadas que Deus deixou em suas criaturas [...]. Tais traços nunca poderão ser apagados no ser humano. São marcas divinas no terreno humano³⁸.

“Ao nascer, a criança já dispõe de um sistema de sinais para se comunicar com os membros de sua espécie de uma maneira especial, com estes sinais dá a conhecer suas emoções mediante o choro, o sorriso e outros gestos”³⁹.

Os caminhos da aprendizagem simbólica e os símbolos que a representam na cognição das crianças têm um momento e uma idade para que, de maneira concreta possa se iniciar, e a partir deste momento podemos utilizá-los para que se possa “inserir e fixar” na consciência de cada pessoa em sua pequenez o desenvolvimento de sua fé.

³⁸ NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS. **Mistagogia**: do visível ao invisível. São Paulo: Paulinas, 2013. P. 11.

³⁹ TIERNO, B. **A Psicologia da Criança e seu desenvolvimento**: de 0 a 8 anos. São Paulo: Paulus, 2007, p.19.

Sabe-se que a “aprendizagem, inteligência, imitação, jogo, linguagem, valores, parecem ser todos, no homem, atividades mediadas, em maior ou menor medida, por símbolos. O pensamento simbólico ou representacional é o que melhor qualifica a psicologia humana”⁴⁰.

Há a busca de compreender como se dá essa absorção do simbólico, e a partir de então utilizá-lo com eficácia na evangelização, seja no anúncio do querigma, seja na catequese.

A ação simbólica e o aparecimento do simbolismo, propriamente dito, só serão realmente comprovados a partir dos 18 aos 24 meses, marcando o período de domínio da inteligência sensório-motora e o começo da inteligência pré-operacional à qual chega a criança ao redor dos dois anos de idade⁴¹.

A ação simbólica continua em toda vida do ser humano:

É próprio da linguagem simbólica partir da imagem para passar a outro nível significativo. [...] O gesto aparece como a atividade simbólica mais significativa. Está impregnado de dinamismo intrínseco e imediato, que se encontra em todas as outras figurações simbólicas: toda ascensão “eleva” de fato a alma e toda elevação convida à ascensão concreta: quando São João da Cruz representa o monte Carmelo, fá-lo para induzir o leitor ao esforço espiritual. [...] Como a atividade simbólica decorre da presença no mundo, ela expressa valor afetivo. A afetividade não é outra coisa, na realidade, se não a ressonância que produz na consciência a situação de quem vive no mundo⁴².

“A sadia convivência humana gera símbolos que tornam presente o Reino. Esses símbolos transmitem valores do Evangelho, humanizam e revelam Deus, por exemplo: um gesto de solidariedade, um sinal de acolhida, um olhar de ternura, a caridade sincera, a gratidão”⁴³. São gestos profundamente simbólicos, porém carregados de expressividade e de um movimento que nos remonta aos movimentos e gestos do próprio Senhor Jesus Cristo.

⁴⁰ SILVA, Dener Luiz da. **Do gesto ao símbolo**: a teoria de Henri Wallon sobre a formação simbólica. Educ. ver. [online]. 2007, n. 30, pp. 145-163. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n30/a10n30.pdf>. Acesso em: 25/04/2016.

⁴¹ TIerno, B. **A Psicologia da Criança e seu desenvolvimento**: de 0 a 8 anos. 2007.p. 45.

⁴² BERNARD, C. A. Dicionário de Espiritualidade: **Símbolos Espirituais**. São Paulo: Paulus, 1993. p.1068.

⁴³ NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS. **Mistagogia**: do visível ao invisível. São Paulo: Paulinas, 2013, p.13.

O conteúdo doutrinário, portanto, é extremamente rico, satisfazendo as exigências de essencialidade e de grandeza próprio das crianças, exigências bem pouco conhecidas, mas cuja observação nos leva a formular a seguinte regra: quanto menor é a criança, maiores devem ser as realidades com as quais as colocamos em contato. A mensagem que se transmite à criança deve ser rica, profunda, essencial. E a forma com a qual é apresentada também deve ser grande, solene e essencial. Uma fidelidade máxima ao texto da Escritura nos garante a elevada qualidade do conteúdo e da forma, evitando cair em sentimentalismos ou pietismos de escasso conteúdo⁴⁴.

Como apresentado capítulo anterior, a família e a sociedade possuem um papel fundamental na iniciação cristã, e precisa retomar esse lugar essencial. A catequese, em geral para as crianças, acentuava fortemente a dimensão doutrinária. Havia pouca preocupação missionária, pois os esforços concentravam-se mais em uma forma pastoral de conservação, de manutenção dos valores religiosos oficialmente proclamados na sociedade, do que propriamente em promover a evangelização⁴⁵. Contudo, com o fenômeno da tecnologia, e por essa fortemente nos alcança a globalização, as ideologias, um pluralismo cultural e religioso que possui seus métodos próprios de apresentar suas crenças e, um crescente espiritualismo que não lança o ser humano a uma espiritualidade verdadeira e a um autêntico “encontro” com Nosso Senhor Jesus Cristo.

Cada vez mais a sociedade apresenta indivíduos que perderam, quase que por completo, o sentido da vida e sua identidade mais íntima, devido a grande quantidade de possibilidades que confundem e “não permitem escolher” com maestria o caminho ao qual querem empreender à sua jornada como pessoa. A fé, por outro lado, é provada a todo instante.

Assim diz Leão Magno:

Quanto a vós, caríssimos, aos quais só posso dirigir-me de modo mais conveniente usando as palavras de são Pedro, “raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de sua predileção” (1Pd 2,9), vós, que fostes edificados sobre a pedra inabalável de Cristo, inseridos no Senhor, nosso Salvador, pelo fato de ter assumido nossa carne, permaneci firmes na fé que professastes na presença de numerosas testemunhas e na qual, regenerados pela água e pelo Espírito Santo, recebestes a unção da salvação e o selo da vida eterna⁴⁶.

⁴⁴ CAVALLETTI, S. Dicionário de Mariologia: **Crianças**. São Paulo: Paulus. 1995. p.352.

⁴⁵LELO, A. Francisco. **Catequese com Estilo Catecumenal**. 8ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2014. (Coleção água e espírito). p. 11.

⁴⁶LEÃO MAGNO. **Sermões**. São Paulo: Paulus, 1996. (Patrística). p. 55.

Confirmados e convictos da força que a fé em Jesus de Nazaré possui os agentes de catequese precisam lançar-se na evangelização e como diz o Papa Francisco, irem “as periferias da existência humana” e, sobretudo, às famílias e nestas, focar as crianças, objeto deste estudo. Ao analisar bem atentos para o estudo proposto, podendo com toda a convicção afirmar, no que se trata de desenvolvimento simbólico, que:

No Antigo Testamento ocorre toda a convergência dos símbolos para Sião. Em o Novo Testamento, a fonte e o centro de toda a simbologia é Jesus Cristo. “Ele é a imagem do Deus invisível...” (Cf. Cl 1,15s) [...]. Através da encarnação, Jesus realiza em sua pessoa a própria dimensão do símbolo: imagem, sinal, gesto e acontecimento, cujo valor significativo supera o que provém de sua existência puramente fenomênica. Em sua humanidade e através de seu ser e de sua ação, Jesus é epifania de Deus (Cf. Tt 2,11-14) [...]. Em Cristo, primogênito de toda criação contribuem com sua expressividade para dar a compreender quem é Jesus Cristo: a luz, pão, vida etc.; de outro, sendo assumidos por Cristo, transmitem e representam figurativamente sua ação santificadora: os sacramentos. Assim, a água do batismo, o pão da eucaristia, o azeite da unção etc. [...] Para todo crente: deixar-se levar pelos símbolos até as realidades que eles significam. Todo símbolo autêntico é por sua própria natureza escatológico. Suscita o desejo, mas não pode satisfazê-lo⁴⁷.

Os símbolos e, portanto, as ações simbólicas estão intimamente presentes no dia a dia das comunidades e devem estar, de maneira mais viva, nas evangelizações kerigmáticas e em nas catequese.

São muitos os símbolos pertencentes à fé, um exemplo clássico é o livro do Apocalipse de João e a tradição, ao longo do tempo foi compreendendo que é necessário e autêntico o seu uso na liturgia e em toda a vida dos cristãos. Em poucas palavras, assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo. A alma está espalhada por todas as partes do corpo, e os cristãos em todas as cidades do mundo. A alma habita no corpo, mas não procede do corpo; os cristãos habitam no mundo, mas não são do mundo. A alma invisível está contida num corpo visível; os cristãos são vistos no mundo, mas sua religião é invisível⁴⁸.

⁴⁷ LACK, R. Dicionário de Espiritualidade: **Símbolos Espirituais**. São Paulo: Paulus, 1993. p. 1074 – 1075.

⁴⁸ PADRES APOLOGISTAS. **Carta a Diogneto**. São Paulo: Paulus. 1995. (Patrística), p. 23.

Eis um ensinamento clássico da evangelização utilizando a linguagem simbólica, um exemplo de como são necessários os símbolos para a compreensão dos mistérios da fé. “Sois uma carta de Cristo, gravada não em tábuas de pedra, mas em vossos corações (cf. 2Cor 3,3).

Por fim, “há de criar uma nova mentalidade de relacionamento com o símbolo e destacar exatamente o que não pode ser medido nem domesticado pela inteligência humana”⁴⁹, o elemento mais importante para a renovação da catequese são as crianças e o conhecimento de seu ser, e nisto os estudos estão, cada vez mais avançados e confiáveis.

Conduzindo-o para fora, o Senhor disse a Abraão: “Levanta os olhos para o céu e conta as estrelas” (cf. Gn 15,5). A fé é uma experiência de exterioridade, uma saída das nossas visões repartidas, um romper com as nossas perspectivas. “Levanta os olhos”. O Senhor nos conduz para fora dos círculos fechados das nossas interrogações e evidências. Precisamos abrir as janelas que dão para o vasto, erguer os nossos olhos além do chão, contemplar a imensidão tatuada no universo e em nós⁵⁰.

Sair de um movimento catequético, simplista, que reduz a catequese em “simples transmissões de manuais”, “ajudar o catequizando a vivenciar os símbolos e gestos celebrados como realidades divinas fazem parte da educação de sua fé.

Os símbolos provocam e possibilitam a experiência de Deus em nossa vida”⁵¹e essas experiências permanecem cada vez mais latentes na vida, se a cada encontro estimula-se com a beleza que a liturgia e a presença amorosa de Deus. Estar mais perto e tocar os vasos sagrados, em uma encenação teatral dos Sacramentos e, por que não, de toda a vida de Jesus e dos mistérios da fé. Assim, como as coisas comuns se movem e se dizem mais do que aparentemente mostram, a liturgia nos ensina a descobrir o mistério de Cristo presente no mundo através de nossos cinco sentidos. Aquilo que os ouvidos ouvem, os olhos vêem, as mãos tocam, o olfato sente, o paladar degusta – eis o lugar do nascimento da experiência simbólica⁵².

⁴⁹ NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS. **Mistagogia**: do visível ao invisível. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 14.

⁵⁰ MENDONÇA, José Tolentino. **A Mística do Instante**: o tempo e a promessa. 2016, p. 127.

⁵¹ NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS. **Mistagogia**: do visível ao invisível. 2013, p. 15.

⁵² Idem p. 15

3. Vida sacramental no desenvolvimento da fé das crianças

“... Três dias depois, eles o encontraram no Templo, sentado em meio aos doutores, ouvindo-os e interrogando-os; e todos os que o ouviam ficavam surpresos, [...]. E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens (cf. Lc 2,46-52).

O acompanhamento e desenvolvimento da criança feito com atenção e dedicação pelos pais, realizado com grande satisfação e amor, permite aos pais verem seus filhos crescerem não somente em um desenvolvimento de “estatura”, mas, sobretudo, em “sabedoria e em graça, diante de Deus e dos homens”, a exemplo do Infante de Nazaré.

Estar no templo, na Igreja, receber no tempo devido os sacramentos, sem que os momentos que competem a cada etapa para os receber sejam protelados, não menos importante, são as catequeses que os preparam para “conhecer” os mistérios sagrados se “diluindo” na fé do corpo de Cristo e participar das atividades que cada comunidade deve desenvolver para os membros mais novos de suas atividades pastorais. Atraindo assim, os que no futuro serão os ministros da Igreja e seus fiéis comprometidos com a causa do Reino.

Compreende-se que a vida sacramentária da Igreja em no presente momento não pode silenciar diante dos grandes desafios pastorais que se colocam diante de cada um dos sacramentos; as novas visões do ser humano e suas dimensões psicológicas, sociais, antropológicas e particularmente as novas perspectivas religiosas inerentes ao mundo contemporâneo⁵³.

A sociedade, no que se refere a sua mudança de época, já tem os limites e empecilhos que nossa realidade predispõe. Portanto, que as crianças não encontrem também em seus lares obstáculos para serem introduzidas no corpo de Cristo, que é sua Igreja e esposa, da qual o Senhor Jesus é a Cabeça (cf. Cl 1,18).

Aprendam os pais e mães de família como é necessário educar com retidão, santidade e firmeza os filhos que Deus lhes deu, e formá-los na obediência aos preceitos da religião

⁵³ BOGAZ, A. Sagrado; HANSEN, J. Henrique. Dicionário do Concílio Vaticano II. **Sacramentos**. São Paulo: Paulus, 2015, p. 852.

católica; de tal modo que, se sua virtude for submetida a dura prova, possam superá-la, saindo dela vencedores, sem feridas e sem manchas, íntegros e incontaminados, com a ajuda da graça divina⁵⁴.

“A tarefa educativa deve levar a sentir como ‘ambiente familiar’: é uma educação para saber ‘habitar’ mais além dos limites da própria casa” (AL 276).

“Caríssimos, deixemo-nos transbordar de alegria e demos livre curso ao júbilo espiritual, porque raiou para nós o dia de uma redenção nova, dia longamente preparado, dia de felicidade eterna”⁵⁵. São as crianças o futuro da nossa fé, e justamente por isso temos que começar a introduzi-los no amor profundo de Deus, e com grande alegria com cada nova criança que é incorporada em nossa comunidade eclesial, corpo místico de Cristo.

A transmissão da fé pressupõe que os pais vivam a experiência real de confiar em Deus, de procurá-lo, de precisar d’Ele, porque só assim ‘uma geração conta à outra as tuas obras [de Deus] anunciam as tuas maravilhas’ (Sl 145/ 144, 4) e ‘cada pai contará a seus filhos teus gestos de amor sempre fiel’ (Is 38, 19). Isto requer que imploremos a ação de Deus nos corações, aonde não podemos chegar (AL 287).

Agora não mais conduzidos à fé por sinais e imagens, porque, confirmados pela narração evangélica, adoramos o que cremos realizado; os testemunhos proféticos contribuem para nos instruir, de modo que não temos nenhuma dúvida sobre o que sabemos ter sido anunciado por tão grandes oráculos⁵⁶. Essa, sem dúvida, será a resposta dos que hoje se contribui para que entrem na vida comunitária e se dar total importância que futuramente, alimentados na fé por uma vida sacramental autêntica e eficaz, serão os protagonistas da evangelização das novas gerações de eleitos, “pois para o homem cristão a fé vem em primeiro lugar”⁵⁷. Sem perder o que de mais precioso ficou da sua infância e experiência com o Eterno, tornados pela graça de Deus, fiéis testemunhas (cf. At 1,8) do Cristo Morto e Ressuscitado Cf. 1Cor 6,14).

⁵⁴ OFÍCIO DIVINO. **Liturgia das Horas III**. São Paulo: Vozes, Paulinas, Paulus, Ave-Maria, 2000, p.1414.

⁵⁵ LEÃO MAGNO. **Sermões**. 1996. (Patrística), p. 36.

⁵⁶ LEÃO MAGNO. **Sermões**. 1996, p. 51.

⁵⁷ AMBRÓSIO DE MILÃO. **Sobre os sacramentos**. São Paulo: Paulus, 1996. (Patrística 5). p. 31.

“Há que se descobrir e discernir o essencial das práticas sacramentais, que perpassam o tempo, uma vez que encontram nas Sagradas Escrituras seus princípios e na Tradição seus fundamentos, para atualizar e adaptar as formas culturais e religiosas destes mesmos rituais”⁵⁸, os sacramentos são fontes essenciais para que a pessoa desde sua tenra idade possa se alimentar dos mistérios sagrados que os cerca nos sacramentos e usados como base de vida espiritual, desenvolver toda a sua vida em sociedade e a partir desta, ser o que move o mundo e lhe dá um sentido escatológico ⁵⁹, movimento essencial da identidade cristã, que, por sua vez, só pode ser alcançado se configurado à pessoa de Jesus Cristo, que é o dado essencial dos sacramentos.

Quando fazemos a pergunta sobre a identidade cristã (que é ser cristão?), já estamos constatando, desde o início, que as comunidades cristãs o “ser cristã” não é algo evidente, dado de modo imediato, e que se encontra definido e acabado de maneira clara e inequívoca para todos. Por trás desta e de muitas outras perguntas, como também das dificuldades que são apresentadas à prática das comunidades cristãs, está a questão da identidade cristã. Com a pergunta sobre a identidade cristã, sobre o “ser cristão” [...], estamos nos interrogando sobre a maneira como se entende e se vive a fé na pessoa de Jesus Cristo⁶⁰.

Assim como nos tempos primitivos de nossa fé, como também em nossos dias, a identidade cristã “está” precisando ser reafirmada e vivenciada com toda a certeza dos sacramentos, que se bem apresentados e vivenciados, são essa reconfiguração da identidade cristã e sem perder o que de mais belo e precioso a nossa fé tem nas Sagradas Escrituras e na Tradição.

“Os pais que querem acompanhar a fé dos seus filhos, estão atentos às suas mudanças, porque sabem que a experiência espiritual na se impõe, mas propõe-se à sua liberdade. É fundamental que os filhos vejam de maneira concreta que, para os pais, a oração é realmente importante” (AL 288).

Por fim:

Os sacramentos destinam-se à santificação dos homens, para a edificação do corpo de Cristo e, enfim, para prestar culto a Deus; como sinais, destinam-se também à instrução. Não só supõem

⁵⁸ BOGAZ, A. Sagrado; HANSEN, J. Henrique. Dicionário do Concílio Vaticano II. **Sacramentos**, 2015.p. 853.

⁵⁹ PADRES APOLOGISTAS. **Carta a Diogneto**. 1995, p. 23.

⁶⁰COSTA, José de Anchieta Lima. **Conhecer Jesus: A Cristologia ao alcance de todos**. 2009, p.29-30.

a fé, mas também a alimentam, fortificam e exprimem por meio de palavras e ritos, razão pela qual se chamam “sacramentos da fé”. Conferem a graça, mas a celebração dos mesmos dispõe otimamente os fieis à frutuosa recepção da mesma graça, a honrar a Deus do modo devido e a praticar a caridade. Por este motivo muito importa que os fiéis compreendam facilmente os sinais sacramentais, recebam com a maior frequência possível os sacramentos que foram instituídos para alimentar a vida cristã (SC 59).

Está comprovado pelo documento conciliar que, para o fiel, os sacramentos e sua caminhada até os receber são fundamentais para o bom desenvolvimento da fé de cada pessoa, e um caminho espiritual de crescimento em sabedoria, em estatura, e em graça, diante de Deus e dos homens (cf. Lc 2,46-52).

CAPÍTULO III

1. A dinâmica do Reino na vida das crianças

A relação das crianças com o Reino de Deus que foi revelado com o mistério da Vida de Jesus de Nazaré lança a uma pergunta, para que assim ao olhar este estudo com a ótica do texto Sagrado que iluminará a compreensão do valor da criança na vida de fé e a sua importância para a Igreja e para o Reino. Qual a situação das crianças no tempo de Jesus?

Naquele momento, foram-lhe trazidas crianças para que lhes impusessem as mãos e fizesse uma oração. Os discípulos, porém, as repreendiam. Jesus, todavia, disse: ‘Deixai as crianças e não as impeçais de vir a mim, pois delas é o Reino dos Céus’. Em seguida impôs-lhes as mãos e partiu dali (cf. Mt 19,13-14).

O caminho mais plausível de compreensão da reação dos discípulos para com as crianças está no termo que o autor utiliza. O termo *paidion*⁶¹ tem o sentido de “criança muito jovem”, “infante”, além de a criança ser olhada à “margem”, sem um valor maior por sua “incapacidade”.

Mas Jesus mostra o verdadeiro valor e como a criança deve ser vista por todos. “Mt 19,13ss. narram o incidente quando Jesus abençoou as crianças a despeito dos protestos (impedimento) dos discípulos [...]. Havia, porém, a possível implicação de que as crianças (Mt e Mc *paidia*; Lc *bréfes*) fossem jovens de mais para se dedicarem de modo responsável”⁶².

O ensinamento e a pregação de Jesus, realizados por palavras e por ação, estão situados e devem ser considerados na perspectiva da sua missão. A missão de Jesus é o horizonte de

⁶¹ BRAUMAM, G. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. **Criança**. São Paulo: Vida Nova, 2000, p.467.

⁶² BROWN, C. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. **Criança**. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 470.

compreensão de toda a sua vida. A missão é a chave da vida de Jesus. É a que dá o sentido e a razão de ser de tudo aquilo que ele diz e faz⁶³.

Em Jesus não existe espaço para a incoerência entre seus atos e suas palavras mostrando o verdadeiro valor de cada pessoa e de cada uma das pessoas, que tem uma vivência com Ele, mostra-nos que tem um lugar no Reino de Deus (cf. Mt 25,34).

Algumas pessoas pensam que o mero valor que aporte a criança para a humanidade está no fato de que chegara a ser adulto [...]. A criança é uma entidade humana que tem importância por si; não uma mera transição para a idade adulta. Não podemos ver a criança e o adulto como fases sucessivas na vida de uma pessoa. Temos que os ver como duas formas diferentes de vida humana, ocorrendo ao mesmo tempo e exercendo uma influência recíproca uma sobre a outra. A criança e o adulto são duas partes diferentes e separadas da humanidade que deveriam compenetrar-se e trabalhar juntas em harmonia e ajuda mútua⁶⁴.

A criança tem o direito de que a apresentem o Reino de Deus, mesmo que não expresse isso com palavras, a pessoa é uma inteireza, de sua infância à sua vida adulta, além do mais, o adulto vai sempre refletir a sua vida de infância ao longo de sua história.

Que testemunho dá a infância de um pequeno discípulo do Senhor. - “Hoje, ao anoitecer, Jesus vai me levar para o Céu!”⁶⁵. Assim disse Nelsinho⁶⁶ com toda a convicção de que havia chego a hora de “partir” para o Pai, e isto um dia antes de sua morte. A realidade mais atraente que Jesus nos revela é o Reino de Deus, Reino dos Céus (cf. Mt 5,19; Lc 6,20).

No Reinado de Deus que Jesus anunciava como de algum modo *iminente*, é uma situação *humana*, em que o homem não está submetido a nenhum outro poder além do poder do amor: por isso, é um reinado de liberdade, de vida, de fraternidade, de gratuidade, de justiça e de paz. [...] Como religião *revelada*, o cristianismo não pretende ser a revelação de *uma doutrina* ou de um conjunto de verdades, mas antes a revelação de *Deus mesmo*: e revelação, não dos mistérios inacessíveis de seu Ser, mas antes, de sua relação de amor para com os homens⁶⁷.

⁶³ COSTA, José A. Lima. **Conhecer Jesus**: A Cristologia ao alcance de todos. 2009. p. 74.

⁶⁴ L'ECUYER, C. **Educar na Curiosidade**: a Criança como protagonista da sua educação. 2016, p. 172.

⁶⁵ ANDERER, G. Rudolfo. **Nelsinho para todos**. Aparecida, Santuário, 2005, p. 35.

⁶⁶ Nelson Santana. Natural de Ibitinga – São Paulo. Tinha nove anos de idade e comungava todos os dias e uma vida cristã digna de reconhecimento.

⁶⁷ FAUS, J. I. González. Dicionário de Pensamento Contemporâneo. **Cristianismo**. São Paulo: Paulus, 2000. (Coleção Dicionários). P. 164-165.

Este Reino que é apresentado tem um mover próprio, o qual foi proposto por Jesus e que seus discípulos anunciaram e testemunharam com a própria vida. Dando, portanto, uma grande credibilidade aos que estavam anunciando, outro sim, é a confirmação que o Cristo Senhor realizava em suas palavras e obras realizando milagres, prodígios e sinais (cf. At 2,22). “Neste Reino não há lugar para o mal e todas as suas manifestações. Ele veio para que todos tenham vida (cf. Jo 10,10). Por isso ele cura os leprosos, expulsa os demônios, perdoa os pecadores, abençoa as crianças...”⁶⁸.

Na realidade, Jesus queria que o povo voltasse à fonte da verdadeira imagem de Deus do judaísmo e bebesse da água da sua bondade, da sua misericórdia e da sua compaixão. Esse Deus, amigo dos homens e das mulheres, amante da vida que o judaísmo de então havia posto distante da vida do povo, Jesus o reaproxima das pessoas, principalmente dos que foram excluídos do seu alcance, mostrando a face acolhedora e terna de um Deus que é Pai e deseja a vida em abundância para todos⁶⁹.

“A criança é símbolo dessa originalidade existencial. O seu surgimento requer dos homens atenção, cuidado e esperança. Diante de uma criança, o homem renova-se a si mesmo, uma vez que se vê imbuído de um dinamismo que o afeta, permitindo-lhe extasiar-se e comprometer-se com o mistério dessa vida”⁷⁰.

Um comprometimento com as crianças que são responsáveis por nos mostrar o Reino (cf. Mt 18,2) e cuidar desta vida, que nos dias atuais está tão frágil e furtada de assumir o Reino que lhe pertence por que não se transmite. Por isso:

Ao referir-se ao Reino de Deus, em um determinado momento de sua pregação, Jesus fala da criança como metáfora do acolhimento realizado pelo Pai (cf. Mc 9, 33-37). As crianças são apresentadas como paradigma dos chamados para o Reino de Deus. Tal aferição bíblica permite-nos compreender que a pedagogia da fé utilizada com as crianças deve inspirar-se na

⁶⁸ SANTOS, T. Furtado. **Catequese Inclusiva**: da acolhida na comunidade à vivência da fé. São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção Catequese), p. 31-32.

⁶⁹ COSTA, José A. Lima. **Conhecer Jesus**: A Cristologia ao alcance de todos. 2009. p. 75.

⁷⁰ XAVIER, D. José. Dicionário do Concílio Vaticano II. **Criança**. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção Dicionários), p.230.

própria pedagogia divina. Por pedagogia divina entende-se a maneira como Deus tem conduzido a história da salvação⁷¹.

“O Reino de Deus tem uma dimensão que se volta para Deus e outra que se volta para os seres humanos e toda criação. Há a busca da santidade, mas também da justiça que deve ser instaurada nas relações sociais e com a própria natureza”⁷². “Jesus percorria todas as cidades e povoados, ensinado em suas sinagogas e pregando o evangelho do Reino...” (cf. Mt 9,35-36). Assim faz-se necessário introduzir a criança na prática e dinâmica do Reino em uma transmissão autêntica da fé e por essa ação permitir que esse intercâmbio entre Deus e o humano e com a criação possa gerar uma grande sociabilidade e a realização do Reino de Deus em nossos dias.

O Reino de Deus é o centro da mensagem de Jesus. Aparece 162 vezes no Novo Testamento, sendo 121 vezes nos evangelhos sinóticos. Palavra, portanto, muito importante para se conhecer a mensagem de Jesus. A Palavra “Reino” (do grego- *Basiléia* e do hebraico- *Malhut*) está ligada à grande expectativa de mudança da literatura apocalíptica. Deus vem para mudar a sorte de seu povo⁷³.

Diz ainda:

O Reino é uma prática e está intimamente ligada a pessoa de Jesus, ou seja, ao que ele faz, diz e pensa: *‘se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou até vós’* (Mt 12, 28; Lc 11, 20). Assim sendo, o Reino é uma pessoa chamada Jesus Cristo. Neste sentido, o reino é essencialmente cristológico. Jesus é a ‘autobasileia’, ou seja, Jesus é o Reino de Deus acontecendo em sua pessoa. Quando se entra em contato com Jesus, o Reino de Deus acontece. O Reino, então, é um acontecimento que faz irrupção com o próprio Jesus. Quando Jesus se manifesta, diz-se que o Reino já começou⁷⁴.

A criança tem “necessidade” de saber que Deus, em sua grande intimidade trinitária, “amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não

⁷¹ Idem p. 231.

⁷² FERRARO, B.. Dicionário do Concílio Vaticano II. **Reino de Deus**. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção Dicionários), p. 819.

⁷³ Idem p. 820.

⁷⁴ COSTA, José de Anchieta Lima. **Conhecer Jesus: A Cristologia ao alcance de todos**. 2009, p.84 – 85.

pereça, mas tenha a vida eterna” (cf. Jo 3,16). E a partir dessa Sua entrega, mantendo uma profunda relação com o ser humano, assumindo a sua condição. Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre numa cruz. (cf. Fl 2,6-8).

Deus trouxe o Reino sendo o iniciador da relação com o ser humano, ato este, necessário para que o Reino de Deus aconteça, e as crianças, com maestria tem essa disposição de ternura para acolher a união que o Verbo realizou com a humanidade.

Essa ternura que está presente em cada criança, é que nos dá a segurança de uma evangelização frutuosa no amor de Deus.

Uma das virtudes próprias das crianças é a ternura que é apresentada pelo Salmo 131:

A ternura [...]. Lá parece a intimidade delicada e carinhosa entre mãe e o seu bebê, um recém-nascido que dorme nos braços de sua mãe depois de ter sido amamentado. Como indica a palavra hebraica *gamûl*, trata-se de um menino que acaba de mamar e se agarra conscientemente em sua mãe que o leva ao colo. É, pois, uma intimidade consciente, e não meramente biológica. Por isso canta o salmista: ‘antes, me acalmo e tranqüilizo, como criança desmamada no colo da mãe’ (Sl 131/130, 2). Paralelamente, podemos ver outra cena na qual o profeta Oséias atribui a Deus, visto como pai, estas palavras comoventes: ‘Quando Israel era criança eu o amava (...), sim, fui eu quem ensinou Efraim a andar, segurando-o pela mão (...). Só que eles não percebiam que era eu quem deles cuidava’” (Os 11, 1. 3-4) (AL 28).

“Respeitar a dignidade de uma criança significa afirmar a sua necessidade e o seu direito de ter uma mãe e um pai. Não se trata apenas do amor do pai e da mãe separadamente, mas também do amor entre eles, captado como fonte da própria existência, como ninho acolhedor e como fundamento da família” (AL 172).

Esses pais são os primeiros a realizar, junto às crianças, a relação do Reino de Céus. Lançando-as na “aventura”, da intimidade, da existência que posteriormente será utilizada na própria relação com o Senhor.

Temos ainda a contribuição do Bispo de Hipôna que relata a força de uma criança, quando associada intimamente a seu Senhor e voltada ao louvor do Deus Altíssimo, o Salmo 8,3.

Da boca das crianças e lactantes tiras um louvor perfeito, por causa de teus inimigos. Por crianças e lactantes, tomo apenas as mencionadas pelo Apóstolo: ‘Dei-vos a beber leite, como criancinhas em Cristo e não alimento sólido’ (1Cor 3, 1-2). Eram representadas pelas que precediam o Senhor com louvores, a respeito das quais testemunhou o Senhor, quando, ao pedirem os judeus que as repreendessem, respondeu: “Nunca lestes que: Da boca das crianças e lactantes tirastes um louvor perfeito (Mt 21,16)? Com justeza não disse: Tiraste um louvor, e sim: “Tiraste um louvor perfeito”. Nas igrejas existem aqueles que já não bebem leite, mas tomam alimento sólido. Acerca destes declara o Apóstolo: “É realmente de sabedoria que falamos entre os perfeitos” (1Cor 2,6). Mas as igrejas não se perfazem somente com estes tais, porque se fossem somente estes, não se cuidaria do bem do gênero humano. Vela-se por estes, quando os ainda incapazes do conhecimento das coisas espirituais e eternas se nutrem da fé na história temporal, realizado em prol de nossa salvação, após a atuação dos patriarcas e dos profetas, pela excelsa Virtude e Sabedoria de Deus e também pelo mistério da natureza humana assumida. Nesta fé está a salvação de cada fiel”⁷⁵.

“O Reino é vida! Por isso sua prática é realizada na linha do resgate da vida. Nesse sentido, o Evangelho é, em primeiro lugar, o resgate da vida. É devolver a vida para quem está sendo excluído dela. Evangelizar é resgatar a possibilidade de vida para quem não tem vida”⁷⁶.

2. Caminhos possíveis de dinamizar a catequese

A palavra Didaqué que significa instrução ou doutrina transmitida pelo ensino (Heródoto e Tucídides)⁷⁷. No tempo de Jesus, era o seu ensino para seus Apóstolos e discípulos, a sua doutrina, que posteriormente foi utilizada pelos Apóstolos e pelos Padres Apostólicos, assim a Didaqué tornou-se um documento. Trata-se de um testemunho literário

⁷⁵ SANTO AGOSTINHO, **Comentários aos salmos**: salmos 1-50. São Paulo: Paulus, 1997, (Patrística), p. 93.

⁷⁶ FERRARO, B.. Dicionário do Concílio Vaticano II. **Reino de Deus**. p.820.

⁷⁷ Filósofos gregos que transmitiam conhecimentos para instruir seus discípulos. (WEGENAST, K. 2000, p. 643).

da transmissão do depósito da fé, dos apóstolos, da primeira ou segunda geração pós-apostólica, um testemunho precioso para as reflexões teológicas de hoje⁷⁸.

Portanto, o ensino da doutrina católica ou catequese, é uma prática essencial para o bom cumprimento do mandato de Cristo para seus Apóstolos: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!” (cf. Mt 28,19-20).

Uma catequese e um (a) catequista que sejam próximos da realidade de diversas crianças e que as mesmas se sintam motivadas, “ansiosas” pelo dia de ir “conhecer” os mistérios de Deus e a doutrina da Igreja.

“A pessoa que melhor sabe o que a criança precisa é quem tem uma relação de qualidade com ela. Se tiver sensibilidade, claro”⁷⁹.

Tudo e todos somos apenas caminho, experiência do inacabado, indagação no incompleto. As obras primas não irrompem de geração espontânea. São o fruto da gestação paciente e lentíssima em que estamos, cheia de alterações e esforço, com mais noites pesadas que suaves vislumbres. Mas sem a esperança nenhuma obra-prima existe⁸⁰.

Verdadeiramente precisamos ser homens de esperança, esperança numa “renovação”, já que foi proposto pelo Concílio Vaticano II, mesmo que não tenha sido um tema que fora gerado um documento próprio no concílio⁸¹, mas diversos documentos citam a necessidade de uma catequese mais rica da Palavra de Deus, da Tradição, da Liturgia, do Magistério e da vida da Igreja.

O decreto *Christus Dominus* nos apresenta um modelo de catequese que é proposto para os Bispos implantarem em “sua” igreja particular, de modo que possa levar o povo a uma

⁷⁸ **DIDAQUÉ**: Catecismo dos Primeiros Cristão. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 7.

⁷⁹ L'ECUYER, C. **Educar na Curiosidade**: a Criança como protagonista da sua educação. 2016, p.163.

⁸⁰ MENDONÇA, J. Tolentino. **A Mística do Instante**: o tempo e a promessa. 2016, p.50

⁸¹ LIMA, L. Alves. Dicionário do Concílio Vaticano II. **Catequese**. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção Dicionários) p. 86.

maior compreensão dos mistérios celebrados pela Igreja Universal e por ela a doutrina é disseminada por toda parte e a todos os que buscarem o auxílio da mesma.

Cuidem que não só as crianças e adolescentes, mas também aos jovens e até adultos, seja dada boa formação catequética; esta, pelo ensino da doutrina, deve tornar a fé viva, explícita e prática. Cuidem que este ensino seja dado segundo a ordem e o método que mais convenham não só à matéria explicada, mas também ao desenvolvimento, capacidade, idade, e condições de vida de quem ouve, e que o ensino se baseie na Sagradas Escrituras, na Tradição, na Liturgia, no Magistério e na vida da Igreja (CD 14).

“Procurem também que os catequistas sejam devidamente preparados para a sua tarefa, adquirindo perfeito conhecimento da doutrina da Igreja e aprendendo teórica e praticamente as leis psicológicas e das ciências pedagógicas” (CD 14). Uma séria preocupação nos apresenta aqui, visto que, são poucos os catequistas que de fato “mergulham” nos conhecimentos aqui exigidos, mesmo que de uma forma leiga e não tão científica do conhecimento proposto.

“Primeiro, invenção e descoberta; depois, disciplina e aprendizagem, nos diz a filosofia tomista. Um ambiente normal e uma qualidade mínima de estímulos, nos fala a neurociência. Se não for assim, no melhor dos casos, será uma perda de tempo e, no pior, um acréscimo que pode provocar comportamentos indesejados”⁸².

Vemos a necessidade de um mínimo de conhecimento psicológico e pedagógico (CD 14) no lidar com a aprendizagem da criança, sobretudo no que se refere aos conteúdos da fé, já que essa experiência acompanhará por toda a vida da criança e vai nortear suas decisões mais íntimas e existenciais.

“O sagrado concílio declara que as crianças e os adolescentes têm o direito de ser estimulados a apreciar justamente os valores morais e a cultivá-los pessoalmente, bem como a conhecer e amar a Deus com maior perfeição” (GE 1).

Esses estímulos se nos apresenta por um contato próximo com o outro e com as realidades reveladas na Sagrada Escritura, fundamento e sustento de toda a nossa fé.

⁸²L'ECUYER, C. **Educar na Curiosidade**: a Criança como protagonista da sua educação. 2016, p.164.

Como, pois, se leva a educação das crianças em Israel? Deus ordena que obedecem a seus pais, que vêm depois d'Ele na ordem da importância. O pai age como sacerdote para a família. Ele transmite a tradição para a família, faz assim em resposta às perguntas de seus filhos (Ex 12, 26-27), e sua resposta é uma confissão da atividade salvífica de Deus para com Israel. As crianças ficam sabendo disso não somente em palavras, mas também por meio de sinais impressionantes na forma de pedras monumentais (Js 4,6-7 ss.) A educação se realiza na execução da justiça (Dt 21,21), e no ensino da Lei⁸³.

A compreensão clara dos dados revelados na Palavra de Deus torna-se fundamental ao catequista, para que assim possa conduzir o catequizando a uma experiência verdadeira do amor do Criador e Redentor do homem.

Essa experiência tem a necessidade de começar no interior do lar, na convivência com seus pais, seus primeiros catequistas. O exemplo da tradição de Israel que levava suas crianças ao conhecimento dos dados revelados aos antigos e a experiência do povo com Deus e o que Este fez em favor do seu povo. Uma tradição da família e da nação.

De boa vontade tomem contato com o próprio texto, quer através da sagrada liturgia, rica de palavras divinas, quer pela leitura espiritual, quer por meio de cursos apropriados e outros meios que nos tempos atuais se vão espalhando tão louavelmente por toda a parte, com aprovação e estímulo dos Pastores da Igreja. Lembre-se, porém, que a oração deve acompanhar a leitura da Sagrada Escritura, para que haja colóquio entre Deus e o homem; pois “com ele falamos quando rezamos, e a ele ouvimos quando lemos os divinos oráculos” (DV 25).

“A metodologia catequética se inspira e se fundamenta na pedagogia divina que se revelou por palavras e acontecimentos, encarnando-se profundamente na realidade humana”⁸⁴. Um dos atos mais sublimes de amor que o Senhor realizou para com o ser humano, sendo o “iniciador” da caridade de Deus revelada aos homens e por este ato nos convida a sermos seus seguidores.

Com os olhos voltados para o Senhor (cf. Sl 141,8) e a partir de um olhar atento, buscar a Imagem e Semelhança (cf. Gn 1,26) criada por Deus em cada ser humano, restaurada pela

⁸³ BRAUMAM, G. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. **Criança**. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 466.

⁸⁴ LIMA, L. Alves. Dicionário do Concílio Vaticano II. **Catequese**. 2015, p. 89.

Imagem do Deus invisível que é Cristo (cf. Cl 1,15), buscando trazer não mais a imagem do homem terrestre, mas do homem celeste (cf. 1Cor 15,49).

O Cristo Salvador do gênero humano e seguido por diversos santos, os quais podem servir de estímulo para as crianças. Contudo, precisa-se demonstrar com maior realidade e menos “fantasia” a história dos santos, modelos espirituais e de vida, promover momentos audiovisuais com a vida dos santos e com o testemunho de outras tantas crianças que viveram uma infância belíssima na intimidade com Jesus de Nazaré.

Portanto, o ato de transmitir (*paradidōmi*), que vamos encontrar com regular frequência no Novo Testamento, nos evidencia como é importante o compromisso de toda a comunidade eclesial para levar a diante a transmissão dos dados da fé.

No Novo Testamento, o verbo *paradidomi*, além de significado de entregar, livrar para alguém, também dá a idéia de legar ou transmitir tradição. [...] O emprego de *paradidomi* em Lc 1, 2 é significante. Aqui seu obj. é a *diegesis* oral, ou narrativa daqueles ‘que desde o principio foram deles testemunhas oculares, e ministros da palavra’, tratando-se do relato dos eventos da vida de Jesus. [...] A *história de Jesus* agora tomou o lugar da exposição da Lei como tradição a ser transmitida⁸⁵.

Grandiosa é a tarefa dos que irão transmitir a fé da Igreja de Jesus Cristo às futuras gerações dos que crerão na Trindade e em toda a economia da salvação. Essa fé “recebida” será sustentáculo e coluna da verdade na vida de cada pessoa e por eles transmitida aos seus filhos e netos e assim “Sua misericórdia perdura de geração em geração” (cf. Lc 1,50).

Não poderíamos terminar este tópico sem antes contemplar as pessoas com deficiência e de qualquer natureza, ao qual o catequista deve promover a inclusão no grupo e que método vai utilizar, de acordo com cada deficiência apresentada pela criança.

“A palavra “método” é de origem grega – *odós*: caminho. Significa estrada que ajuda a chegar aonde se quer, isto é, alcançar a meta proposta”⁸⁶. Sendo o catequista o mediador

⁸⁵WEGENAST, K. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. **Tradição**. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 647.

⁸⁶SANTOS, T. Furtado. **Catequese Inclusiva**: da acolhida na comunidade à vivência da fé. 2013, p. 53.

entre a criança e o aprendizado e aqui precisamos entender cada vez mais a importância do catequista:

O conceito de mediador, sob a ótica da neurologia, é atribuído aos neurotransmissores, substância química cuja ação principal ocorre nas conexões entre um neurônio e outro, ou entre um neurônio e uma célula muscular ou glandular, possibilitando a “transmissão” de impulsos nervosos. O sistema nervoso é responsável pela abstração, pelo raciocínio, pelos pensamentos e por toda sorte de controle sensitivo e motor no corpo humano. Sua principal célula é o neurônio, uma estrutura especializada na recepção e transmissão de impulsos nervosos que, em síntese, são a matéria prima do funcionamento cerebral. Sem Impulsos nervosos não há pensamento, não há aprendizagem⁸⁷.

O Catequista é como que um macro “neurotransmissor” que passa os impulsos da doutrina a criança, que por sua vez “assemelha-se” a um neurônio captando a informação (impulso) e sendo ela mesma um “neurotransmissor” a outras crianças ou aos pais em casa. A partir da experiência primeira de conhecimento da fé a criança começa a buscar a partir da sua curiosidade. “Aprender a aprender na busca pelo crescimento, pela maturidade”⁸⁸.

A essência de todo método está no carisma do catequista, na sua sólida espiritualidade, em seu transparente testemunho de vida, no seu amor aos catequizandos, acima disso, na sua intimidade com Deus e na sua experiência de oração. O catequista é um mediador que facilita a comunicação entre os catequizando e o mistério de Deus, das pessoas entre si e com a comunidade⁸⁹.

Uma vivência autêntica dos mistérios que professa factualmente em suas vidas. Motiva ao testemunho autêntico do seu amor a Nosso Senhor e ensinar com a própria vida, a exemplo dos primeiros cristãos, que é agradável servir a Deus.

3. O Kerigma, caminho catequético das famílias.

⁸⁷MEIER, Marcos; GARCIA, Sandra. **Mediação da aprendizagem**: contribuições de Feuerstein e de Vygotsky. 2008, p. 69.

⁸⁸ Idem. p. 74.

⁸⁹SANTOS, T. Furtado. **Catequese Inclusiva**: da acolhida na comunidade à vivência da fé. 2013, p. 53.

Uma evangelização que precisa tomar corpo novamente em nossas comunidades e nas famílias é o querigma, no qual se apresenta o Cristo ressuscitado em tudo que se realizou no Mistério Pascal. Sua vida, morte e ressurreição como ação amorosa de Deus, em suas atividades junto aos seus discípulos ao agir mediante seus testemunhos de vida e compromisso com o anúncio de Jesus Ressuscitado.

A família não pode renunciar a ser lugar de apoio, acompanhamento, guia, embora tenha de reinventar os seus métodos e encontrar novos recursos. Precisa considerar a que realidade quer expor os seus filhos. Para isso não pode deixar de se interrogar sobre quem se ocupa de lhes oferecer diversão e entretenimento, que conteúdo entra em suas casas através da televisão, do computador e dos celulares, a quem os entrega para que os guie nos seus tempos livres (AL 260).

Uma das grandes dificuldades hoje para que a evangelização e com essa o Kerigma aconteça nas famílias está aí, mas existe também a situação de que os pais não estão seguros em falar sobre Jesus a seus filhos, justamente por que não estão priorizando o seu próprio aprendizado sobre Jesus e os mistérios da fé a qual professam.

A realidade social, econômica, política, cultural e religiosa determina, em grande parte, a maneira de ser, de agir e de pensar de cada pessoa. Neste sentido, somos frutos do ambiente humano no qual nascemos, crescemos e nos desenvolvemos, pois é neste contexto que assimilamos valores, adquirimos habilidades, adotamos e incorporamos crenças e costumes⁹⁰.

“Só os momentos que passamos com eles, falando com simplicidade e carinho das coisas importantes, e as possibilidades sadias que criamos para ocuparem o seu tempo permitirão evitar uma nociva invasão” (AL 260). A obrigação da família e principalmente dos pais é ser essa proteção e agente de possibilidades e experiências sinceras com as realidades boas da vida e da fé a qual professam em seus lares, vivenciando um bom testemunho de amor.

⁹⁰COSTA, José de Anchieta Lima. **Conhecer Jesus**: A Cristologia ao alcance de todos. 2009. p. 67.

Para o Concílio quando a Igreja nos oferece o testemunho de amor e da caridade permite maior conhecimento de Cristo, uma vez que Deus se revela como amor. O testemunho é característico da dimensão ética de sua Revelação. Neste sentido, o testemunho de amor e da caridade não somente atrai os homens à presença da Igreja, mas à consciência de Cristo como Senhor e Salvador⁹¹.

Certamente, se deixarmos uma criança em um lugar que não há dimensão de religião, suas poucas descobertas, advindas das experiências com os seus medos e as repetições das atividades que deram certo, um vislumbre de algo que se mostrar maior e mais forte que ela e lhe parece transcendente, vai daí tirar a sua fonte de crença.

Do mesmo modo, se delegarmos a uma família esclarecida de seu cristianismo, essa pessoa vai ser introduzida nos mistérios sagrados dos cristãos, primeiro por imitação das ações dos adultos e posteriormente por instrução dos que já tem uma compreensão no conhecimento doutrinário, e nessa atitude a pessoa será “mergulhada” no conhecimento do que só por intuição realizava.

A partir deste momento, faz-se uma busca consciente do que só se tinha por imitação e que agora abre-se ao “entendimento” do *numinoso*, do sagrado, do totalmente Outro. Portanto, no que se trata de um conhecimento da história da salvação e nesta o Cristo Morto e Ressuscitado, é tarefa da família dar a conhecer, em seu seio, o Salvador do Universo.

“A finalidade do Kerigma é fazer o anúncio da pessoa viva de Jesus, acompanhado do testemunho dos apóstolos. [...] A história de Jesus faz parte do conteúdo do Kerigma quando este afirma explicitamente que: ‘Este homem... vocês o mataram... Deus o ressuscitou... nós somos testemunhas’ (cf. At 10,37-41)”⁹².

A família se abre ao testemunho que deve dar às crianças da presença de Cristo em suas atitudes, relacionamentos e principalmente no amor recíproco entre toda a comunidade familiar.

“A pastoral familiar deve fazer experimentar que o Evangelho da família é resposta às expectativas mais profundas da pessoa humana: a sua dignidade e plena realização na reciprocidade, na comunhão e na fecundidade” (AL 201).

⁹¹ XAVIER, Donizete José. Dicionário do Concílio Vaticano II.. **Testemunho**. 2015, p.963.

⁹² COSTA, José de Anchieta Lima. **Conhecer Jesus: A Cristologia ao alcance de todos**. 2009, p. 164.

Sem deixar de ter os momentos em família que geram gratuidade entre os membros que os “abrem” ao novo que o outro pode ofertar de si, na família deve acontecer o princípio do conhecimento sobre a Santíssima Trindade, sobre Jesus, sobre Maria, sobre os sacramentos etc.

“Depois disso, ele se manifestou de outra forma a dois deles, enquanto caminhavam para o campo” (Mc 16,12) Existem diversas maneiras do Senhor se revelar a seus fiéis com toda a liberdade. No entanto, cabe a nós seus discípulos desta hora (cf. Mt 20,1-16) promover momentos em que as crianças possam fazer a experiência com o Ressuscitado e com toda a alegria de termos, também nós, já experimentado tão grande dádiva.

A transmissão da fé na ressurreição se deu, inicialmente, mediante formulações muito simples com as quais se apresentava, de maneira essencial, a síntese da fé, muito utilizada na catequese e na liturgia. Trata-se do assim chamado ‘Kérigma primitivo’. Com o passar dos anos e com a necessidade de se manter viva a memória dos acontecimentos da vida de Jesus, começaram a surgir, juntamente com os Evangelhos, alguns relatos de aparição do Ressuscitado⁹³.

“Por meio dessa missão confiada a todos os que professam a sua fé (IM 13), se reconhece as riquezas de Cristo (cf. AG 6). No testemunho de todos aqueles tocados pelo desejo unitivo de Cristo (UR 20), Deus será sempre mais admirável e sua Revelação, digna de credibilidade (cf. UR 4)”⁹⁴.

Este anúncio que deve ser constante nas famílias, sobretudo, na celebração litúrgica dominical à qual são chamadas a participar, e assim reunidas em torno do altar de Cristo dêem testemunho autêntico de sua fé e amor que os une para celebrar a vida nova em cada liturgia.

Com efeito, pela regeneração e unção do Espírito Santo, os batizados são consagrados para serem edifício espiritual e sacerdócio santo, a fim de, por todas as obras dos cristãos, oferecerem sacrifícios espirituais e proclamarem as grandezas daquele que das trevas os chamou para a sua luz maravilhosa (cf. 1Pd 2,4-10). Assim, todos os discípulos de Cristo, perseverando juntos na oração e no louvor de Deus (cf. At 2,42-47), ofereçam a si mesmos como hóstia viva, santa, agradável a Deus (cf. Rm 12,1); dêem testemunho de Cristo em toda parte; e àqueles que por isso se interessarem, falem da esperança, que está neles, da vida eterna (cf. 1 Pd 3,15) (LG 10).

⁹³COSTA, José de Anchieta Lima. **Conhecer Jesus**: A Cristologia ao alcance de todos. 2009, p. 163 - 164.

⁹⁴XAVIER, Donizete José. **Dicionário do Concílio Vaticano II.. Testemunho**. 2015, p.961.

O kerigma é justamente o anúncio desta confiança na vida eterna que se encontra em uma Pessoa, Jesus Cristo, morto e Ressuscitado que é o fundamento de nossa fé. “E, se Cristo não ressuscitou, ilusória é a nossa fé; ainda estas nos vossos pecados [...]. Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que adormeceram” (cf. 1Cor 15,17-20). Uma vida enxertada no Cristo é o único caminho para a restauração do kerigma nas famílias e horizonte certo para uma catequese eficaz.

Os fiéis, incorporados na Igreja pelo batismo, recebem o caráter que os delega para o culto cristão, e, renascidos como filhos de Deus, são obrigados a professar diante dos homens a fé que pela Igreja receberam de Deus. Pelo sacramento da confirmação vinculam-se mais perfeitamente à Igreja e recebem especial vigor do Espírito Santo, e assim ficam mais seriamente comprometidos, como testemunhas verdadeiras de Cristo, a difundir e defender a fé por palavras e por obras (LG 11).

Esta incorporação da qual nos fala o documento conciliar se dá de forma eficiente na Igreja e por ela conduzidos ao encontro com o Ressuscitado em cada sacramento que a criança vai experimentando ao longo de sua caminhada de fé, auxiliados por seus familiares e a cada etapa dos sacramentos, um novo testemunho de que Cristo é o centro da vida daquela criança que vai crescendo em sabedoria, estatura e em graça, diante de Deus e diante dos homens (cf. Lc 2,52).

CONCLUSÃO

Compreendendo o valor do matrimônio e da família podemos, a partir da excelência que estes possuem como construtores e fixadores dos valores cristãos nas crianças, valorizá-los como canais eficazes de transmissão da fé às futuras gerações lançando os alicerces do que de mais precioso pode haver na vida de uma pessoa. A sua experiência com o Transcendente, com Deus, tornando esse relacionamento parte integral do eu com o Tu Divino em cada indivíduo e assim formar uma geração de homens e mulheres que tenham o Senhor em toda a sua conduta e onde quer que estejam e ainda lança-los no amor ao próximo.

O real envolvimento de cada área que aqui usamos é única e exclusivamente para facilitar e poder exercer com maior qualidade na evangelização e na catequese, visto que durante anos, sempre escutava pessoas e professores reclamando desta forma de manuais e repetição de terminologias na transmissão dos conteúdos doutrinários às crianças e até mesmo ao povo de Deus em geral, e assim a transmissão da fé possa ser a maior beneficiada.

Uma resposta com uma pequena contribuição, cooperando com o que até hoje já se fez para melhorar a transmissão da experiência do anúncio do Cristo, Morto e Ressuscitado.

O Kerigma tem necessidade de continuar, assim como de ser ouvido pelas pessoas, para que a transmissão dos mistérios do cristianismo não fique doente, fechado em salas sem um dinamismo que é próprio do Espírito Santo (cf. Jo 3,8), transmitir a fé com um encontro que seja a cada edição uma abertura ao Espírito do Senhor e incentivem as crianças a se “lançarem” ao encontro de Jesus de Nazaré.

Sem deixar de lado a metodologia de aprendizagem que hoje nos disponibiliza as ciências humanas, sobretudo a psicologia e pedagogia, que abrem um leque de conhecimento sobre o ser humano e suas capacidades cognitivas e nestas, inserir os moveres da experiência de Deus e a partir de então ao contato com o afeto do Divino é absorvido de maneira profunda e clara a cada pessoa. Sobretudo no momento que as experiências conduzem o ser humano a criar o seu “tesouro”, a pérola de grande valor (cf. Mt 13,46) que cada pessoa busca em sua vida.

Tendo experimentado em minhas missões junto a evangelização infantil, o Kerigma é instrumental inegociável, já que contribui para uma experiência impar para as crianças. Tendo como ápice o retorno de algumas famílias ao seio da Igreja Católica, devido ao forte “encontro” realizado pela criança em um dos nossos retiros de Kerigma. Outro ponto que tem suscitado grande admiração é a evangelização e anúncio de Jesus Cristo ministrados pelas crianças assessoradas por adultos gerando um grande contágio de também transmitir o nome de Jesus pelos “pequeninos” participantes do retiro. Além de termos famílias inteiras trabalhando em prol da evangelização infantil.

“Tornar-se criança”, é “descobrir o positivo do outro”, não o afastar com as nossas medidas, não crer que já sabemos tudo. “Tornar-se criança” novamente é acolher o outro, protegendo o seu segredo que podemos assim exprimir: o fato que justifica a beleza da criança é o seu ser “encarnação” de Cristo Jesus⁹⁵. Realizar um bom acolhimento de cada “pequenino”, garantindo a sadia e eficaz compreensão dos mistérios da fé. Sabendo que existe, em cada criança, um potencial de evangelização de tantos outros que ainda não conhecem a fé, e não se pode fechar os olhos para esta realidade.

Afinal: “Quem é o maior no Reino dos Céus? ” Ele chamou perto de si uma criança, colocou-a no meio deles e disse: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus. Aquele, portanto, que se tornar pequenino como esta criança, esse é o maior no Reino dos Céus” (cf. Mt 18,1-4). Garantir à criança o lugar que a ela é de direito, caminho que se dá a longo prazo, mas que precisa começar com urgência.

⁹⁵ ZATTONI, Mariateresa; GILLINI, Gilberto. **Deus faz bem às crianças**: A transmissão da fé às novas gerações. São Paulo: Loyola, 2010, p. 32.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. Ramalho; MAHONEY, A. Alvarenga (orgs). **Afetividade e aprendizagem:** contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Loyola, 2007.
- AMBRÓSIO DE MILÃO. **Sobre os sacramentos.** São Paulo: Paulus, 1996. (Patrística 5)
- ANTUNES, Celso. **Estímulo da Inteligência Infantil:** Na Escola e no Lar. São Paulo, Paulus, 2013. – (Coleção Didática).
- BÍBLIA**, de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2010.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA.** São Paulo: Loyola, 1999.
- COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA O LAICATO – Setor Juventude / **Aos Jovens com afeto** – Subsídios Afetividade e Sexualidade – Volume I. Brasília, Edições CNBB. 2014.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II** (1962 – 1965). Org. Lourenço Costa; Trad. Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos da Igreja).
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Em Favor da Família.** Brasília: Paulinas, 1975.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. **A família na América Latina:** Desafios e Esperanças. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2005. – (Coleção Quinta Conferência: realidade Social)
- COSTA, José de Anchieta Lima. **Conhecer Jesus:** A Cristologia ao alcance de todos. 2ª. Ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- DIDAQUÉ:** Catecismo dos Primeiros Cristão. 9ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore. **Dicionário de Mariologia.** Tradução: Alvaro A. Cunha Honório Dalbosco; Isabel F. L. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1995. (Coleção Dicionários).
- FIORES, Stefano de; TULLOGOFFI (Org.). **Dicionário de Espiritualidade.** Tradução: Augusto Fuerso; Isabel F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1993. (Coleção Dicionários).
- FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-sinodal **Amoris Laetitia** sobre o amor na família. São Paulo: Loyola 2016.

_____, Exortação Apostólica **Evangelii Gaudium** sobre o anúncio do Evangelho no mundo de hoje. São Paulo: Paulus, 2013.

_____, Carta Encíclica **Laudato Si** sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Loyola, Paulus, 2015.

GUTTAMANN, Mônica. **O Imaginário da Criança dentro de nós**: Através da Literatura e da Arteterapia. São Paulo: Paulus, 2014.

JOÃO DA CRUZ. **Obras completas**. São Paulo: Vozes, 2002.

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica **Familiaris Consortio** sobre a função da família cristã no mundo de hoje. São Paulo: Paulinas, 1982.

_____, **Gratissimam Sane** Carta às famílias. São Paulo: Paulinas, 1994.

LEÃO MAGNO. **Sermões**. São Paulo: Paulus, 1996. (Patrística 6).

L'ECUYER, C. **Educar na Curiosidade**: a Criança como protagonista da sua educação. São Paulo: Fons Sapientiae, 2016.

LELO, A. Francisco. **Catequese com Estilo Catecumenal**. 8ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

MEIER, Marcos; GARCIA, Sandra. **Mediação da aprendizagem**: contribuições de Feuerstein e de Vygotsky. Curitiba: Editora do Autor, 2008.

MENDONÇA, José Tolentino. **A Mística do Instante**: o tempo e a promessa. São Paulo: Paulinas, 2016. (Travessia).

MONDIN, B. **O homem, quem é ele?** Elementos de antropologia filosófica. São Paulo: Paulus, 2012.

NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS. **Mistagogia**: do visível ao invisível. São Paulo: Paulinas, 2013.

OFÍCIO DIVINO. **Liturgia das Horas III**. São Paulo: Vozes, Paulinas, Paulus, Ave Maria, 2000.

ORÍGENES. **Contra Celso**. São Paulo: Paulus, 2004. (Patrística 20).

PADRES APOLOGISTAS. **Carta a Diogneto**. São Paulo: Paulus. 1995. (Patrística 1).

PASSOS, João D; SANCHEZ, Wagner L. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015.

SANTO AGOSTINHO, **A doutrina cristã**. São Paulo: Paulus, 2007. (Patrística 17).

SANTO AGOSTINHO, **Comentários aos salmos**: salmos 1-50. São Paulo: Paulus, 1997. (Patrística 9/1).

SANTOS, T. Furtado. **Catequese Inclusiva**: da acolhida na comunidade à vivência da fé. São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção Catequese).

TIERNO, B. **A Psicologia da Criança e seu desenvolvimento**: de 0 a 8 anos. São Paulo: Paulus, 2007.

VIDAL, M. **O matrimônio**: Entre o Ideal Cristão e a fragilidade Humana. 2ª. Ed, Aparecida: Santuário, 2007.

VILLA, Moreno. **Dicionário de Pensamento Contemporâneo**. Tradução: Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2000. (Coleção Dicionários).

ZATTONI, Mariateresa; GILLINI, Gilberto. **Deus faz bem às crianças**: A transmissão da fé às novas gerações. São Paulo: Loyola, 2010.

SITE

LAR MONTISSORI: **A educação como uma ajuda à vida**. Disponível em: <https://larmontessori.com/o-metodo/>. Acesso em: 18/08/2017.

SILVA, Dener Luiz da. **Do gesto ao símbolo**: a teoria de Henri Wallon sobre a formação simbólica. Educ. rev. [online]. 2007, n. 30. pp. 145-163. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n30/a10n30.pdf>. Acesso em: 25 / 04 /2016.